As Argonáuticas Órficas

Tradução em português

Texto atribuído a Orfeu

ARGONÁUTICAS ÓRFICAS

Introdução e poema

Tradução para o português da versão espanhola
de Miguel Periago Lorente

Editorial Gredos, Madri, 1987
Biblioteca Clássica Gredos, vol. 104

Nota editorial

Esta é uma tradução indireta, realizada a partir do texto espanhol do volume indicado. A numeração dos versos foi preservada. As notas de rodapé foram traduzidas e, quando possível, condensadas sem alteração de seu sentido explicativo.

Introdução

1. Orfeu, poeta mítico

Sob o nome de Orfeu figura uma série de obras poéticas que a crítica moderna datou em diferentes épocas. As obras mais conhecidas atribuídas a Orfeu, que chamaram a atenção dos eruditos desde o século XVI, são as *Argonáuticas* e os *Hinos*.[1]

A realidade é que, em torno da figura de Orfeu e do orfismo como doutrina, houve durante séculos uma grande confusão, pois foram qualificadas como órficas obras e teorias religioso-filosóficas que não mereciam tal designação.

Por outro lado, a propósito da doutrina órfica, convém destacar a dificuldade de separá-la do pitagorismo.[2] Embora as origens do pitagorismo possam ser datadas, porque podem ser acompanhadas por meio da pessoa de seu fundador, o mesmo não ocorre com o orfismo, dada a incerteza com que se depara quem estuda o tema. O pitagorismo, aliás, vem a ser uma espécie de desenvolvimento final do orfismo, e este, por sua vez, relaciona-se com os movimentos dionisíacos arcaicos.[3]

Há também fatos formais que favorecem a confusão entre ambas as doutrinas. Íon de Quios, por exemplo, que morreu em 422 a.C., afirma que Pitágoras publicou escritos seus sob o nome de Orfeu. Outro fato importante é o vegetarianismo praticado, sob determinadas condições, nas duas doutrinas; isso levou certas cerimônias e teorias a serem chamadas de pitagóricas quando eram órficas, e vice-versa, embora na realidade não o fossem.

Confusões já existiam na própria Antiguidade clássica. Assim, quando Heródoto (II 81) fala de cerimônias chamadas órficas e báquicas, mas que "de fato são egípcias e pitagóricas", incorre em grave equívoco, porque o pitagorismo só estabelece relações com o deus Apolo e, raramente, com Deméter, mas não com Dioniso.[4]

Voltando à realidade concreta de Orfeu, é preciso concluir que nada pode ser determinado com precisão. Testemunhos da própria Antiguidade situam sua existência por volta de 1000 a.C., datando sua vida nove gerações antes de Hesíodo e tomando como referência o poeta de Ascra. Museu, outro poeta mítico que passa por discípulo - e às vezes mestre - de Orfeu, teria vivido, segundo o Mármore de Paros, na época de Erecteu e Pandião, isto é, por volta de 1370 a.C.

Tudo isso levou à hipótese de que teriam existido dois Orfeus: um por volta de 1550 a.C. e outro por volta de 1150 a.C. Isso poderia explicar a dupla condição de mestre e discípulo de Museu.[5]

Em suma, ocorreu com Orfeu o mesmo que com outros cantores míticos - Museu, Eumolpo, Lino, Ábaris, Anfião[6] e outros: numerosos poemas foram compostos em seu nome para adquirir prestígio, e isso pode ter acontecido ao longo de um período tão extenso quanto o compreendido entre o século VI a.C. e o fim da Antiguidade clássica.

Para concluir esta seção, resumirei os traços essenciais de Orfeu como poeta mágico[7] e personagem lendário:

Ao som de seu canto, aves e animais de todas as espécies acorrem para junto dele; as árvores descem das montanhas e os rios mudam de curso.

Como participante da expedição dos argonautas, salvou-os da sedução das Sereias por meio de seu canto.

Seus poderes sobrenaturais fizeram com que sua esposa Eurídice regressasse viva do Hades.

Morreu às mãos das mulheres trácias, que lhe cortaram a cabeça, e mesmo assim ela continuou a cantar.[8]

---

1 Há consenso de que as Argonáuticas foram compostas na Antiguidade tardia e os Hinos na época imperial. Cf. M. L. West, The Orphic Poems, Oxford, 1983, p. 1. Outra obra atribuída a Orfeu e também tardia é Lithiká (Pedras preciosas), sobre propriedades e influências supersticiosas das gemas, tema que se prolongou pela Idade Média.

2 Cf. Robert Parker, Miasma: Pollution and Purification in Early Greek Religion, Oxford, 1985 (reimpressão da edição de 1983), p. 290.

3 Cf. Édouard Will, Le monde grec et l'orient, vol. I, 2ª ed., Paris, 1980, p. 572. Sobre as relações do orfismo com outros cultos, cf. West, The Orphic Poems, pp. 26-29.

4 Cf. West, obra citada, p. 16.

5 Para os problemas relativos à existência histórica de Orfeu, cf. Carlo Odo Pavese, Tradizione e generi poetici della Grecia arcaica, Roma, 1972, p. 234.

6 Sobre os prodígios do poeta mítico, cf. Godo Lieberg, Poeta creator, Amsterdã, 1982, pp. 37-38. O autor aproxima Orfeu de Anfião, que também movia pedras com a lira para erguer as muralhas de Tebas.

7 C. M. Bowra, La lirica greca da Alcmane a Simonide, Florença, 1973, p. 536, reconhece o valor mágico da poesia de Orfeu em um fragmento de Simônides no qual aves revoluteiam e peixes saltam das águas azuladas.

8 Os traços resumidos de Orfeu foram recolhidos de West, The Orphic Poems, p. 4.

2. O orfismo

De acordo com o exposto na seção anterior, pode-se deduzir claramente que uma coisa é a literatura órfica e outra, o orfismo, e que este tem suas raízes nos rituais dionisíacos. Essa relação se torna mais estreita a partir do momento em que os ritos báquicos passam também a ser chamados de órficos. Assim, por exemplo, Olímpia, mãe de Alexandre Magno, é apresentada como participante entusiasta das bacanais macedônias, e Plutarco, ao se referir a elas, chama-as de órficas (*Alexandre* 2, 7).

Os testemunhos sobre a teogonia órfica são realmente tardios, posteriores a Aristóteles, e devem ser recebidos com muita cautela.[9] O primeiro deus e criador do mundo é Eros, também chamado Fanes. O ponto central da doutrina órfica é sua missão de libertar o ser humano, exposta da seguinte maneira: os Titãs haviam despedaçado e devorado Dioniso ainda criança; Zeus, enfurecido, reduziu-os a cinzas com o raio, e dessas cinzas nasceu o homem, participante tanto do princípio titânico do mal quanto do princípio dionisíaco do bem. Tudo gira em torno do binômio morte-ressurreição: assim como o deus renasce,[10] também o iniciado pode renascer.

A influência do orfismo foi muito importante ao longo de toda a Antiguidade tardia, e suas relações com diferentes movimentos filosóficos e doutrinas religiosas foram estudadas em diversas ocasiões.[11]

3. As *Argonáuticas órficas*

Das três obras da Antiguidade clássica que trataram do mito dos argonautas,[12] a atribuída a Orfeu é a menos extensa. Nela, a figura de Orfeu, introduzida para deleitar e aconselhar os argonautas, adquire singular relevo como protagonista. A obra é tardia, provavelmente do século IV d.C., e acompanha com certa ordem sequencial o relato de Apolônio, introduzindo pequenas variantes talvez para dar a impressão de que não pretende plagiar abertamente o poema do vate de Rodes. A partir do verso 745, contudo, o relato da expedição difere bastante de Apolônio. Além disso, como seria de esperar pela maior extensão da obra de Apolônio, nela as descrições são muito mais minuciosas e ricas em detalhes do que no poema órfico, que abrevia e simplifica muitos episódios presentes em ambos os poemas.

Quanto aos traços da doutrina órfica, eles podem ser percebidos nas alusões ao deus Eros e à origem do homem. Há também uma referência velada à união de Zeus com sua filha Perséfone, e no verso 429 uma clara alusão à morte de Zagreu pelos Titãs. Por fim, mencionam-se os Cabiros e os Coribantes no contexto do ritual dionisíaco.

4. As fontes do mito dos argonautas

A expedição dos argonautas e a história de Jasão e Medeia constituem um tema tão amplamente tratado em toda a literatura clássica que muitos poetas e historiadores o representaram, seja de modo geral, seja em algum aspecto muito particular.[13] Isso nos coloca diante de uma longa tradição que não permite falar em fontes diretas das *Argonáuticas órficas*. No máximo, pode-se insistir na relação e comparação com o poema de Apolônio, como já se fez algumas vezes,[14] e tratar também das linhas gerais do mito,[15] cujos vestígios já aparecem na *Odisseia* (XII 70), com a menção da nau Argo. É provável que episódios do poema homérico, como o dos lestrigões, tenham sido inspirados na viagem dos argonautas. É verdade que o relativo rigor geográfico do poema - tanto o de Orfeu quanto o de Apolônio -, que se manifesta em algumas ocasiões e parece inspirado em algum périplo, não se encontra no poema homérico.

---

9 Cf. W. K. C. Guthrie, The Greeks and their Gods, Londres, 1968 (reimpressão da edição de 1950), pp. 318-319.

10 Atena salva o coração de Dioniso e o entrega a Zeus; a partir dele o deus renasce.

11 West, The Orphic Poems, pp. 29-33, destaca as conexões do orfismo com o neopitagorismo e o judaísmo. Robert Eisler, Orphisch-dionysische Mysteriengedanken, Hildesheim, 1966 (reprodução da edição de 1926), estudou suas relações com os cultos de mistério helenísticos e com o cristianismo primitivo.

12 As três obras são: as Argonáuticas de Apolônio de Rodes, do século III a.C., em quatro livros e 5.835 versos; as de Valério Flaco, do século I d.C., inacabadas, com 5.597 versos em oito livros; e o poema órfico, com apenas 1.377 versos.

13 Exemplos: a Medeia de Eurípides - outras peças sobre o tema se perderam -, a conquista do velo de ouro em Ovídio, Metamorfoses VII 1-158, e o importante episódio dos argonautas na Cólquida na Pítica IV de Píndaro.

14 Cf. H. Venzke, Die Orphischen Argonautica in ihrem Verhältnis zu Apollonios Rhodios, Berlim, 1941; G. Dottin, Les Argonautiques d'Orphée, Paris, 1930, pp. LI-LXXV; e Hermann Fränkel, Noten zu den Argonautika des Apollonios, Munique, 1968, especialmente a comparação do episódio de Cízico, p. 138.

15 Dottin tratou das linhas gerais do mito na introdução de Les Argonautiques, pp. IV e seguintes. Francis Vian também o fez em Apollonios de Rhodes, Argonautiques, chant III, Paris, 1961, p. 4, e na edição integral de Apolônio em três volumes, Les Belles Lettres, 1976-1981, vol. I, pp. XXVI-XXIX.

Os personagens principais do mito pertencem a uma classe social elevada - todos são *basileîs*, reis ou príncipes - e, em sua maioria, vêm a ser os antepassados dos heróis que participaram da guerra de Troia. São também, em grande parte, heróis de lendas locais difundidas por toda a literatura grega.

Pode-se, portanto, afirmar que uma série de lendas dispersas configurou um mito no qual certos episódios são mais conhecidos que outros,[16] por serem comuns a vários autores, sem que por isso sejam necessariamente os mais antigos. Também se pode concluir que, como na Antiguidade clássica só se navegava durante o bom tempo e ao longo das costas, o mito dos argonautas constitui uma afirmação do espírito viajante dos gregos, com sua presença no remoto mar Negro, no Danúbio, na Irlanda e em outras regiões. De todo modo, os antigos já tentavam esclarecer os motivos reais da expedição em busca do velo de ouro. Tucídides (I 4), por exemplo, relacionava-a a uma expedição punitiva contra piratas, na época do rei Minos; Juvenal talvez visse nela uma viagem comercial, ao chamar Jasão de *mercator* (*Sátiras* VI 153).

5. Análise do conteúdo da obra

- Invocação do poeta ao deus Apolo, a quem pede inspiração. Rememoração de seus cantos e feitos. Orfeu dá a conhecer a Museu sua participação na expedição dos argonautas (vv. 1-55).
- Jasão recebe de Pélias a ordem de recuperar o velo de ouro e dirige-se à Trácia para pedir a Orfeu que o acompanhe na expedição; o poeta cede aos imperativos do destino (56-109).
- Orfeu é acolhido pelos mínias e passa em revista os argonautas, aludindo à sua genealogia e procedência (110-229).
- Preparativos para lançar a nau Argo ao mar e dificuldades da empresa; pede-se a ajuda de Orfeu. Jasão propõe Héracles como chefe da expedição, mas este recusa em favor do Esônida. Todos aceitam Jasão como comandante (230-303).
- Depois de um sacrifício realizado por Orfeu, os argonautas prestam juramento solene (304-354).
- A nau é posta em movimento. Os argonautas avistam o cume do Pélion, e Peleu propõe visitar o centauro Quíron, junto de quem se encontra seu filho Aquiles. Orfeu compete no canto com o centauro. O canto de Orfeu versa sobre a origem do mundo. Os argonautas partem novamente (355-460).
- Descrição de vários montes; chegada a Lemnos e aos dólopes de Cízico (461-512).
- Combate contra homens belicosos de seis braços. Morte de Cízico e jogos fúnebres em sua honra. Sacrifício propiciatório a Reia. Chegada a Arganto, onde Héracles e Hilas abandonam a nau (513-658).
- Encontro com Âmico, rei dos bébrices, e com o reino de Fineu na Bitínia (659-679).
- A nau Argo transpõe as rochas Ciâneas graças a Atena e aos cantos de Orfeu (680-711).
- Os argonautas costeiam territórios de diversos povos e chegam à Cólquida e ao palácio de Eetes (712-766).
- Jasão hesita sobre como abordar Eetes. Hera envia um sonho ao monarca, que sai apressadamente para a costa e se encontra, em termos hostis, com os argonautas, que se atemorizam (767-857).
- Orfeu faz a Museu um rápido relato daqueles “pontos em que sua participação foi mais destacada”. Argos e Medeia aconselham Jasão sobre como apoderar-se do velo de ouro, e o poeta relata a Museu as façanhas de Jasão (858-886).
- Descrição do recinto sagrado, onde há um bosque com plantas de todas as espécies. Sacrifício de Orfeu e abertura instantânea das portas (887-987).
- Aproximação do carvalho em que um dragão guarda o velo. Orfeu invoca o Sono, que fecha os olhos do monstro (988-1015).
- Jasão aproveita a ocasião, apodera-se do velo e regressa à nau. Eetes envia seu filho Apsirto em perseguição à irmã Medeia. Os mínias o matam, e seu cadáver, levado pelo rio, chega às ilhas que desde então recebem o nome de Apsírtides (1016-1035).
- Os argonautas perdem o rumo durante a descida do Fásis. Chegada à lagoa Meótida. Percurso pelos territórios dos gelonos, getas e outros povos. Contornam regiões habitadas por citas e hiperbóreos, entre outros. Chegada aos vales Ripeus e ao oceano hiperbóreo, ou mar Morto, onde, pela falta de vento, precisam empurrar a nau e puxá-la da margem com um cabo (1036-1104).
- No país dos macróbios e dos cimérios; no rio Aqueronte e na região de Hermíone, junto ao povo dos sueios (1105-1142).
- A sobrequilha da nau ameaça os argonautas com lançar-se no oceano se não aplacarem a Erínia, irritada pela morte de Apsirto. Tentam atirar Medeia ao mar, mas Jasão os acalma (1143-1179).
- Evitam uma ilha onde há templos consagrados a Deméter (1180-1207).

---

16 Alguns episódios foram acrescentados como complemento ao relato tradicional e só mais tarde se tornaram partes importantes do mito. Cf. Dottin, Les Argonautiques, p. XIX.

- Chegada à ilha de Circe; antes de entrar em seu palácio, purificam-se do crime de Apsirto (1208-1237).
- Novamente no mar, atravessam o golfo de Tartesso e as colunas de Héracles, até chegar à Sicília e às rochas das Sereias (1238-1290).
- Chegada a Corcira e aparecimento da frota que, por ordem de Eetes, tenta levar Medeia. Intervenção de Arete, rainha dos feácios (1291-1346).
- Dificuldades com o gigante Talo, defensor das costas de Creta. Intervenção de Apolo (1347-1362).
- Chegada ao cabo Málea e sacrifício expiatório para garantir um retorno feliz (1363-1368).
- Os argonautas entram em Iolco, e Orfeu regressa à sua nevada Trácia, à gruta em que sua mãe Calíope o trouxe ao mundo (1369-1376).

6. O texto das *Argonáuticas órficas*

São numerosos os manuscritos das *Argonáuticas órficas* - cerca de cinquenta. A maioria é do século XV ou do início do XVI. G. Dottin[17] considera que sete deles se encontram entre os mais bem conservados. G. Hermann,[18] por sua vez, afirmava que o texto das *Argonáuticas* estava muito deteriorado, com erros numerosos e graves, e observava, compreensivelmente, que "era muito mais difícil corrigir um mau escritor do que um bom". Pode-se inferir daí o grande número de correções feitas por esse filólogo em sua célebre edição de 1805.

Eugenio Abel,[19] assim como Dottin, enumera todos os manuscritos mais importantes e as sucessivas edições que o precederam, começando pela de H. Estienne.

Quanto aos manuscritos das *Argonáuticas*, convém esclarecer que os primeiros levados para a Itália foram os de J. Aurispa, em 1423, e F. Filelfo, em 1427. Continham também os *Hinos órficos*, além de outras obras, e ambos se perderam.

A *editio princeps* data de 1500, em Florença. Essa edição forneceu o texto-base de outras, como as de Henri Estienne (1566), Eschenbach (1689) e J. M. Gesner (1764); esta última, importante, além de cotejar vários manuscritos, reúne as notas críticas de edições anteriores.

Em tempos mais recentes, a partir do século XIX, é muito importante a edição de J. G. Schneider (1803), que, corrigida e ampliada em vários pontos, foi reeditada por G. Hermann em 1805. No último quartel do século, em 1885, E. Abel, à vista de vários manuscritos, introduziu algumas conjecturas no texto da edição de Hermann. Finalmente, no século XX, em 1930, apareceu a edição de G. Dottin, que expõe minuciosamente os problemas do texto e, diante de tantas conjecturas, procura, em suas próprias palavras, "um retorno à tradição dos manuscritos". É, em suma, uma edição conservadora,[20] em contraste com a ousadia dos filólogos do século XIX.

Levei em conta o texto grego da edição de Dottin, que, como acabo de indicar, respeita a tradição manuscrita. A ânsia corretora de muitos críticos é de fato exagerada, e isso levou Dottin a respeitar ao máximo a *lectio vulgaris*, embora em alguns casos ela resulte incompreensível.[21]

Consultei também a edição de G. Hermann,[22] obra importante pela quantidade de notas e dados que oferece, e a de E. Abel, que, salvo em poucos pontos, quase sempre segue o texto de Hermann.

Independentemente do conservadorismo de Dottin, deve-se assinalar, no plano formal, um número considerável de erratas em sua edição.[23] Isso não impede reconhecer que a tradução por ele oferecida é boa. Quanto às diferenças em relação ao texto adotado, as mais importantes são apresentadas na lista de variantes gregas da edição; algumas delas também são assinaladas e comentadas em notas de rodapé.[24]

---

17 Dottin, Les Argonautiques d'Orphée, introdução, pp. LXXVI-LXXVII.

18 G. Hermann, Orphica, Hildesheim-Nova York, 1971 (reimpressão da edição de Leipzig de 1805), prefácio, pp. VII-VIII.

19 E. Abel, Orphica, Leipzig-Praga, 1885, prefácio, p. 1.

20 Ainda faltava, à época desta edição, um texto crítico suficientemente estudado. Konrat Ziegler já havia assinalado essa deficiência em 1942. Francis Vian preparava então uma nova edição para Les Belles Lettres e classificara 55 manuscritos em La tradition manuscrite des Argonautiques orphiques, Revue d'Histoire des Textes 9 (1979), pp. 1-46.

21 Exemplos de lições obscuras preservadas por Dottin: epártia, no v. 275, e plaktais, no v. 403.

22 A edição de Hermann reúne suas próprias notas e as principais observações das edições anteriores. Entre as obras citadas estão: H. Estienne, Poetae graeci principes heroici carminis, Paris, 1566; A. Chr. Eschenbach, Orphei Argonautica, hymni et de lapidibus, Utrecht, 1689; P. Wesseling, Observationum variarum libri II, Amsterdã, 1727; J. M. Gesner, Orphei Argonautica, hymni, libellus de lapidibus et fragmenta, Leipzig, 1764; J. G. Schneider, Orphei quae vulgo dicuntur Argonautica..., Jena, 1803.

23 Dottin apresenta entre quinze e vinte erratas, algumas importantes. No v. 1294, por exemplo, traduz 'muito divina' segundo uma lição que não corresponde ao texto por ele impresso. Há também dois erros vocabulares: no v. 888, 'para nossa casa' deveria ser 'para nossa nau'; no v. 1316, 'por heróis' deveria ser 'por arautos'.

24 Em outras ocasiões, a tradução discute conjecturas sem adotá-las. A lista exata das variantes gregas foi mantida na edição de referência; nesta tradução, ela é resumida porque não contém prosa a ser vertida.

7. Traduções das *Argonáuticas órficas*

A primeira tradução latina das *Argonáuticas órficas* deve-se ao erudito milanês Cribello, em 1519. Não se sabe qual manuscrito utilizou,[25] mas sua versão serviu para estudar variantes e estabelecer conjecturas. Em geral, é uma tradução aceitável, na qual o tradutor chega a propor, em certo ponto, uma lacuna no texto grego. O único erro manifesto, a meu ver, é interpretar *polýs* ("muito") como *pólis* ("cidade") no verso 751 - 748 na edição de Dottin -, traduzindo-o por *urbs*.

Em 1555, em Basileia, Renato Perdrier publicou uma má tradução latina em prosa, segundo a maioria dos críticos. Talvez a tradução latina mais fiel seja a de Eschenbach (1689).

Entre as línguas modernas, a primeira tradução foi a francesa de E. Falconnet, em *Les petits poèmes grecs*, Paris, 1838; a primeira tradução alemã em prosa deve-se a K. A. Küttner, *Die Argonauten, aus dem Griechischen des Orpheus*, Leipzig, 1773. Há também traduções alemãs em verso, como a de J. H. Voss - o célebre tradutor de Homero -, publicada em Heidelberg em 1806.

À espera da anunciada edição de Francis Vian na coleção "Les Belles Lettres", com tradução francesa, a de Dottin, publicada nessa mesma coleção, é a única versão moderna relativamente recente existente, embora já tenham transcorrido cinquenta e seis anos desde sua publicação.

Em língua espanhola, presume-se que a presente versão seja a primeira publicada. Desejo apenas acrescentar que procurei ser literal e fiel ao texto escolhido, dentro dos limites necessários à compreensão de qualquer leitor.

Ao longo desta introdução já foram mencionadas as principais edições das *Argonáuticas órficas*. Apresento aqui as três mais importantes, até o momento, utilizadas constantemente neste trabalho:

G. HERMANN, *Orphica, cum notis H. Stephani, A. Chr. Eschenbachii, I. M. Gesneri, Th. Tyrwhitti*, Georg Olms, Hildesheim-Nova York, 1971 (reimpressão fotomecânica da edição de Leipzig de 1805). Além das obras atribuídas a Orfeu, contém também a versão latina das *Argonáuticas* de Cribello e a dos *Hinos* de Escalígero.

E. ABEL, *Orphica. Accedunt Procli hymni, hymni magici, hymnus in Isim aliaque eiusmodi carmina*, Leipzig-Praga, 1885.

G. DOTTIN, *Les Argonautiques d'Orphée*, Les Belles Lettres, Paris, 1930.

Esta última edição já é difícil de encontrar. Para os interessados na pesquisa do tema, convém saber que a Biblioteca Nacional de Madri conserva as seguintes edições mencionadas: a primeira, de Florença, de 1500; a de Basileia, de 1555, com a tradução de Perdrier; a de Eschenbach, de 1689; e a de Gesner, de 1764.

A seguir, algumas obras sobre diferentes aspectos do orfismo e dos argonautas:

O. KERN, *Orphicorum fragmenta*, Weidmann, Berlim, 1922.

K. ZIEGLER, artigo sobre as *Argonáuticas*, em PAULY-WISSOWA, *Realencyclopädie der Klassischen Altertumswissenschaft*, vol. XVIII, 2 (1942), cols. 1333-1338.

F. MÜNZER, artigo sobre Orfeu como poeta mítico, argonauta etc., em PAULY-WISSOWA, *Realencyclopädie der Klassischen Altertumswissenschaft*, vol. XVIII, 1 (1939), cols. 1200-1316.

G. POMPELLA, *Index in Orphei Argonautica*, Georg Olms, Hildesheim, 1979. O autor também lamenta, no prefácio, a inexistência de uma nova edição que substitua a de Dottin.

R. BOEHME, *Der Sänger der Vorzeit. Drei Kapitel zur Orpheusfrage*, Francke, Berna, 1980.

Por fim, sobre o aspecto geográfico do itinerário da expedição dos argonautas, devem ser consultados:

E. DELAGE, *La géographie dans les Argonautiques d'Apollonios de Rhodes*, Paris, 1930.

W. M. RAMSAY, *The Historical Geography of Asia Minor*, Amsterdã, 1962.

---

25 Segundo a classificação de F. Hillmann, De arte critica in Orphei Argonauticis factitanda capita duo, Leipzig, 1883, o manuscrito de Cribello pertenceria à segunda das duas famílias textuais. Cf. Dottin, introdução, p. LXXVIII.

ARGONÁUTICAS ÓRFICAS

Tradução portuguesa; numeração dos versos conforme a edição-fonte.

Ó soberano que reinas em Pito,[1] arqueiro e adivinho, a quem coube por sorte a rocha do Parnaso de elevado cume, celebro em meus cantos teu valor. Concede-me, de tua parte, nobre fama. Envia à minha alma uma voz verdadeira, para que eu proclame aos mortais dispersos um canto sonoro, conforme os mandamentos da Musa e com a ajuda de minha sólida lira.

Agora, pois, tocador da lira,[2] a ti, que entoas agradável melodia, meu ânimo me impele a dizer aquilo que jamais antes relatei, quando, esporeado pelo aguilhão de Baco e do soberano Apolo, mencionei os dardos que fazem estremecer, remédios para os mortais, e depois os pactos juramentados[3] para os iniciados. Mencionei, em primeiro lugar, a fatal Necessidade do antigo Caos[4] e Crono, que gerou em seus enormes sulcos[5] o Éter e o Amor, de dupla natureza,[6] visível por toda parte e ilustre, célebre pai da Noite eterna, a quem os mortais mais recentes chamam Fanes, porque foi o primeiro a aparecer; a raça da poderosa Brimo;[7] e as obras destruidoras dos Filhos da Terra,[8] que, do alto do céu, destilaram a semente funesta da geração, da qual surgiu a primitiva linhagem dos mortais, que sem cessar habitam a terra infinita; a servidão de Zeus e o culto da Mãe que percorre as montanhas; aquilo que ela concebera nos montes de Cibele a respeito da donzela Perséfone e de seu invencível pai, o Crônida; a célebre dilaceração de Héracles, o das belas maçãs;[9] os mistérios[10] dos Ideus e a força imensa dos Coribantes; a errante peregrinação de Deméter e sua grande dor por Perséfone; como ela se tornou legisladora; os esplêndidos dons dos Cabiros; os oráculos inefáveis da Noite acerca do soberano Baco; a superdivina Lemnos, a marítima Samotrácia, a escarpada Chipre e Afrodite, amada de Adônis;[11] os mistérios de Praxídice[12] e os da belicosa Atena celebrados à noite;[13] os lamentos dos egípcios e os banhos sagrados de Osíris.

Mas, quanto à adivinhação, aprendeste as múltiplas trilhas dos animais selvagens e das aves, bem como a disposição das vísceras; tudo quanto as almas dos seres efêmeros, tocadas no coração pelo sono, predizem por meio dos caminhos que interpretam os sonhos; a explicação dos sinais e dos prodígios; os percursos dos astros; a expiação purificadora, de grande utilidade entre as coisas existentes sobre a terra; as maneiras de aplacar os deuses e os abundantes dons dos mortos. Relatei-te também o que contemplei e compreendi quando me encaminhei, pela tenebrosa via do Tênaro,[14] para o interior do Hades, confiado em minha cítara e movido pelo amor de minha esposa; e a língua sagrada dos egípcios, que instituí quando entrei na divina Mênfis e nas cidades sagradas de Ápis, em torno das quais corre o Nilo de rápida corrente. Tudo isso aprendeste com grande exatidão do fundo de meu coração.

Agora, porém, depois que o moscardo hostil que se move pelo ar abandonou meu corpo e voou para o céu, ouvirás de minha voz aquilo que antes eu te ocultara: como, outrora, o primeiro entre os heróis e semideuses

---

1 Pito é um antigo nome de Delfos.

2 O grego lyroergés não significa 'inventor' ou 'pai da lira', pois a invenção era atribuída a Hermes. Os compostos em -ergós indicam atuação sobre o elemento inicial; por isso, 'tocador da lira' é a interpretação adotada. Hermann reúne observações de Estienne, Eschenbach, Wesseling, Gesner e Schneider.

3 O fim do verso é difícil. O texto traz hórkia, entendido aqui como os objetos ou fórmulas pelos quais se presta um juramento ou conclui um pacto. Hermann propôs uma leitura que produziria aproximadamente: 'os dardos que fazem estremecer os mortais' e 'os gritos que dão sossego aos iniciados'.

4 O verbo 'mencionei' continua subentendido até a referência aos 'banhos sagrados de Osíris' no v. 32.

5 O original fala propriamente nos repliegues ou espirais onduladas do corpo de Crono, segundo a Cosmogonia de Helânico. Hermann admite também o sentido de grandes extensões ou regiões.

6 O Amor participa dos dois sexos, característica atestada para várias divindades.

7 Brimo é outro nome de Hécate e também de Deméter.

8 Isto é, os Gigantes.

9 O começo do v. 24 é obscuro. A edição aceita uma conjectura que relaciona Héracles às maçãs das Hespérides, embora não seja clara a ligação com sua dilaceração. Esta provavelmente alude à túnica enviada por Dejanira, que se colou ao corpo do herói e lhe arrancou a carne quando tentou retirá-la.

10 Adota-se a correção de Schneider, órgia ('mistérios'), mais adequada ao contexto que o hórkia dos manuscritos.

11 Isto é, amada por Adônis.

12 Praxídice é uma divindade vingadora, frequentemente identificada com Perséfone; pode ser aludida no v. 5 do Hino órfico XIII.

13 As últimas palavras do v. 31 são muito obscuras. A tradução segue a conjectura de Gesner adotada por Hermann. Não se sabe em que consistiriam esses mistérios noturnos de Atena, deusa pouco mencionada nos textos órficos.

14 O Tênaro é um cabo da Lacônia, ao sul do Peloponeso, hoje Matapão. Na Antiguidade era considerado pórtico ou antecâmara do Hades.

atravessou a Piéria e os altos cumes de Libetra[15] e me suplicou que o ajudasse em sua viagem, a bordo de uma nau que sulcaria o Ponto, rumo a tribos inóspitas de homens, até o rico e arrogante povo sobre o qual reinava Eetes, filho do Sol que ilumina os mortais.

Pois Pélias, aterrorizado pelos oráculos de que no futuro seria privado do poder real pelas mãos do filho de Éson, concebeu em sua mente um ardil. Ordenou-lhe que trouxesse da Cólquida para a Tessália, rica em potros, o velo de ouro. Quando Jasão ouviu aquelas palavras injustas, ergueu as mãos e invocou a soberana Hera, pois a honrava extraordinariamente entre os bem-aventurados. E ela, embora aflita, favoreceu seus desejos, porque, acima de todos os mortais, estimava e amava o herói de força terrível, o ilustre filho de Éson. Chamou, então, Tritogênia[16] e lhe deu suas ordens. Esta, antes de tudo, construiu para ele uma nau de madeira de carvalho, a primeira[17] que, impelida por remos de abeto, atravessou as profundezas marinhas e abriu uma rota pelo mar.

Quando o divino Jasão reuniu os ilustres reis, apressou-se para a Trácia, rica em potros, e me encontrou ajustando minha cítara de primorosa feitura, a fim de entoar para ti um canto doce como o mel e encantar as feras, os répteis e as aves. Ao entrar na desejada caverna, deixou sair de seu peito coberto de pelos uma voz suave:

“Orfeu, caro filho de Calíope e Eagro, que reinas na Bistônia entre os cícones[18] ricos em rebanhos, salve! Venho, antes de tudo, às grutas da Hemônia,[19] às correntes do Estrímon[20] e aos escarpados vales do Ródope.[21] Sou filho de Éson, da Tessália, e tive a fortuna de possuir entre os mínias[22] o mais nobre sangue. Desejo ser teu hóspede. Recebe-me, pois, com afeto e benevolência, escuta minhas palavras com cortês atenção e atende à minha súplica: vem comigo às profundezas do Ponto Inóspito e ao fortificado Fásis,[23] em minha nau Argo, e mostra-me as rotas do mar da donzela,[24] tu, amado pelos heróis, que esperam por tua lira e tua voz profética e desejam ter-te como aliado nas fadigas marítimas. Eles, certamente, não pretendem navegar sem ti rumo a tribos bárbaras; pois tu, sozinho,[25] aproximaste-te das sombrias trevas, das profundezas mais extremas e do fundo da terra plana, e encontraste o caminho de volta. Por essa razão, toma como tua a desgraça e a glória dos mínias, para que sejam conhecidas pelas gerações futuras.”

Respondi-lhe com estas palavras: “Filho de Éson, por que me fazes esse pedido em tom persuasivo? Queres que, para agradar aos mínias, eu vá à Cólquida em uma nau bem ensamblada, através do mar cor de vinho? Já possuo fadigas e sofrimentos em abundância, desde quando[26] percorri a imensa terra e as cidades do Egito e da Líbia para revelar oráculos aos mortais. Minha mãe me salvou da vida errante e do moscardo e me conduziu a outra morada, para que nela encontrasse o fim de meus dias em meio à triste velhice. Mas não é possível escapar ao que foi determinado pelo destino; as decisões das Parcas me constrangem, e não se devem desprezar as filhas do suplicante Zeus, as Suplicantes. Partirei, portanto, para integrar o grupo dos jovens reis e semideuses.”

Deixei então a amável caverna e parti com minha lira. Em rápida marcha, cheguei junto aos mínias, nas praias de Págasas. Ali estava reunida a tropa dos nobres mínias, comprimida em massa ao longo da areia e das escarpas do Anauro.[27] Quando perceberam que eu concluía meu caminho, mantiveram alegremente a assembleia, e cada um se regozijou no coração. Pus-me, então, a falar e a interrogar aqueles homens ilustres.

15 Piéria é uma região da Macedônia, perto do Olimpo e morada das Musas; Libetra é uma região da Trácia associada à residência de Orfeu.

16 Tritogênia é um epíteto de Atena.

17 A edição de Dottin imprime aqui uma forma acusativa dificilmente justificável; outras edições trazem o nominativo, que sustenta a tradução 'a primeira'.

18 Os cícones não são mencionados nas Argonáuticas de Apolônio. Os bistones eram outro povo trácio vizinho deles.

19 Região da Macedônia.

20 Rio da Macedônia, hoje Struma, que desemboca perto de Anfípolis.

21 Cadeia montanhosa da Trácia.

22 Mínias designava inicialmente os habitantes de Orcômeno, na Beócia, descendentes do herói Mínias. Jasão e muitos argonautas reivindicavam essa linhagem; por isso, os argonautas também são chamados mínias.

23 O Fásis, célebre rio da Cólquida, nasce no Cáucaso central e deságua no litoral oriental do mar Negro; corresponde ao atual Rioni, na Geórgia, junto à cidade de Poti.

24 O 'mar da donzela' é o Helesponto, hoje estreito de Dardanelos.

25 Segue-se Eschenbach: a expressão significa 'isolado dos homens', 'sem companhia', e não 'o único dos homens', pois também Héracles e Teseu desceram às profundezas. Hermann e Abel supõem faltar um verso, o que altera a numeração em relação a Dottin; Hermann também admite outra lacuna no v. 225.

26 O relativo grego é difícil. Slothouwer propôs uma forma temporal, necessária ao sentido dos vv. 102-103, daí 'desde quando'.

27 Rio da Tessália.

Primeiro vi o esforçado e divino Héracles, a quem Alcmena gerou em união com Zeus Crônida, quando o ardente Sol reteve sua luz por três dias e uma longa escuridão se estendeu por toda parte; vi Tífis, o Agníada,[28] piloto da longa nau e vizinho dos téspios,[29] que então, nas águas de Telmiso,[30] facilitava aos povos de Sifas a travessia do pequeno rio e sabia[31] conduzir com técnica refinada uma nau em meio a tempestades rugidoras e difíceis. Distingui Cástor, domador de cavalos, e Pólux; Mopso de Títaro,[32] a quem Aregônide, esposa de Âmpix,[33] gerou ao pé de um carvalho caônio;[34] e o Eácida Peleu, brilhante filho de Egina, que reinava entre os dólopes na fértil Ftia.

Contemplei a ilustre tríplice descendência de Hermes: Etálides, que a muito ilustre Eupolêmia, filha de Mirmidão, trouxe ao mundo na rochosa Álope; e Érito e o belo Equíon, que o soberano de Cilene, Argifonte da vara de ouro, gerou certa vez, unido à ninfa Laótoe, filha de Meneto.[35] Logo chegou o Actórida, e também Corono, comedor de bois. Apresentou-se igualmente[36] Íficlo, divino rebento de Fílaco; e o Enéada Butes, semelhante a Febo, o da espada de ouro.

Da Eubeia chegou Canto, descendente de Abante, a quem o Destino subjugou e a Necessidade finalmente impôs morrer na Líbia e esquecer o caminho de regresso à pátria.[37] Das correntes do Esepo veio Fálero, filho de Alcão, que havia fundado a cidade de Gírton, cercada pelo mar. Depois deles seguiu Ífito, filho de Naúbolo, que reinava na Fócida e em Tanagra de sólidas torres; chegaram Laódoco, Tálau e Areu, filhos irrepreensíveis, célebres Abântidas que Pero gerara.[38] Acudiu Idamante, filho de Áleo; seu valoroso pai o enviara, deixando para trás os confins de Tegeia.[39] Chegou Ergino, que abandonara os campos ricos em trigo de Branco e as fortificações da sólida Mileto, onde batem as águas do Meandro de curso errante. Apresentou-se, entretanto, Periclímeno, filho de Neleu, que deixara, perto de Pelene e do Lipaxo abundante em águas, a próspera e montanhosa cidade de Colona. Depois de abandonar Cálidon, vinha o veloz Meleagro, gerado por Eneu e Alteia de braços rosados. Em seguida passou Íficlo, irmão de Alteia,[40] depois de deixar o lago Átrax; estimava acima de todos o belo Meleagro e lhe ensinara feitos ilustres. Passou Astérion, filho do ilustre Cometes, que habitava Piresia, junto ao curso do Apídano, no qual o Peneu se une e deságua no mar.

Também passou[41] Euridamante, que deixara a lagoa Bebeia, próxima ao Peneu e a Melibeia de belo mar. Veio depois Polifemo, filho de Élato, que sobressaía entre os valentes heróis. Chegou Ênio, filho de Ceneu, de quem se conta[42] que, unido aos lápitas, foi vencido pelos Centauros, abatido com troncos de pinheiros e abetos de fina casca; e que, mantendo os joelhos firmemente cravados, desceu vivo, entre os mortos, às profundezas da terra. De Feras chegou Admeto, a quem certa vez Peã serviu como trabalhador; ele evitava a cólera de Zeus, pois, com seus dardos invencíveis, havia posto entre os mortos os Ciclopes, em vingança por Asclépio.[43] Veio Eurítion, filho de Iro Actórion, depois de deixar a áspera Opunte; com ele chegaram Idas e Linceu, o único entre os homens capaz de enxergar, com olhos penetrantes, o que havia de mais distante através do éter, as profundezas marinhas e as águas do subterrâneo Pluteu.

Seguiu-se Telamon, que Egina, filha do ilustre Asopo, gerara com o infatigável Éaco às margens de Salamina cercada pelo mar. Chegou então o poderoso Idmon, filho ilegítimo de Abante, que Antianira,

---

28 Tífis, piloto da Argo, era filho de Ágnias e natural de Sifas, porto da Beócia, hoje Aliki.

29 Habitantes de Téspias, cidade da Beócia.

30 Telmiso ficava na Cária, muito distante da Beócia. Para evitar a incongruência, Schneider propôs Permesso, rio beócio próximo ao Hélicon.

31 Adota-se a correção de Hermann, dedáei, no mais-que-perfeito.

32 Títaro é cidade e monte da Tessália.

33 'Caônio' refere-se a uma das principais tribos do Epiro e, por extensão, à própria região.

34 Âmpix aparece em todos os autores como pai de Mopso; a mãe costuma ser chamada Clóris, não Aregônide.

35 Mirmidão é o herói epônimo dos mirmidões de Aquiles. Érito ou Êurito e Equíon aparecem como filhos de Hermes, o Argifonte, em Píndaro; apenas Érito é listado como argonauta por Apolônio e Apolodoro.

36 A tradução adota a correção de Hermann, mais coerente; a lição mais documentada significaria 'atravessou' ou 'penetrou'.

37 Há um hysteron proteron: a ordem lógica seria primeiro 'esquecer o caminho de volta' e depois 'morrer'.

38 Pero, filha de Neleu e Clóris, casou-se com Bias, irmão do adivinho Melampo. Há vários Abântidas, descendentes de diferentes heróis chamados Abante.

39 O pronome refere-se a Idamante.

40 Íficlo era irmão de Alteia; ambos eram filhos de Téstio e Eurítemis. Participou da caçada ao javali de Cálidon.

41 Adota-se a correção de Gesner para conservar a repetição deliberada 'passou... passou...'; a lição majoritária criaria uma dificuldade sintática.

42 O episódio é contado por Apolônio de Rodes I 59 e seguintes e por Ovídio, Metamorfoses XII 459-532. Ceneu nascera mulher; Posídon o transformou, a seu pedido, em homem imortal. Os Centauros o enterraram vivo sob troncos quando combatia ao lado dos lápitas.

43 Peã é aqui outro nome de Apolo. Segundo a tradição, Apolo matou os Ciclopes porque, por ordem de Zeus, eles haviam causado a morte de Asclépio, filho do deus, punido por ressuscitar os mortos. Sem poder vingar-se de Zeus, Apolo vingou-se dos Ciclopes.

filha de Feres, dera à luz junto à corrente do Anfriso, grávida do soberano Apolo. Febo lhe concedeu ainda a arte da adivinhação e uma voz profética, para anunciar aos homens aquilo que lhes estava preparado. Com eles chegou de Opunte Menécio, vizinho dos mínias. Em seguida apresentou-se o divino Oileu; chegou o muito ilustre Fliante, a quem certa vez uma ninfa deu à luz, após unir-se a Baco, junto às águas do Asopo, e que possuía figura irrepreensível e sensata discrição. Cefeu aproximou-se dos heróis vindo da Arcádia. Anceu[44] fora enviado pelo velho pai, desde a Arcádia rica em ovelhas, para participar da expedição marítima ao Ponto Inóspito. Jamais lançara sobre os robustos ombros um manto, mas cobria o peito com uma macia pele de urso.

Chegou então Náuplio, amado filho de Amímone, que o dera à luz depois de unir-se ao muito ilustre Sacudidor da Terra; era notável em valor e semelhante aos imortais na aparência. Veio Eufemo do Tênaro, depois de deixar os barrancos do cabo Málea e as moradas banhadas pelo mar.[45] Chegou Anceu, natural de Pleuron,[46] que conhecia os percursos celestes dos astros e seus ciclos errantes, pois investigava para os mortais o presente e o futuro. Veio também Palemônio,[47] filho ilegítimo de Lerno; ferira os tornozelos e não tinha os pés firmes, razão pela qual todos o chamavam de filho de Hefesto. Chegou Augias, filho do Sol resplandecente, depois de deixar as margens pisátidas do Alfeu. Também haviam chegado dois rebentos irrepreensíveis: o célebre Anfião e o intrépido Astério, depois de abandonar Pelene e as moradas de sua pátria.

Contemplei ainda os dois belos filhos de Bóreas, que a ilustre Oritia, filha do divino Erecteu, dera à luz junto às águas do Ilisso, cedendo à paixão amorosa da divindade.[48] Eles, Zetes e Cálais, semelhantes aos imortais na aparência, haviam voado com asas situadas sob as orelhas. De Feras veio o filho do soberano Pélias, pois acudira para remar com os heróis a bordo da nau Argo, rumo ao inóspito Fásis. Com ele viera o companheiro do divino Héracles, o belo Hilas; a delicada penugem ainda não avermelhava suas faces brancas nem seu tenro queixo: era ainda um rapaz e agradava muito a Héracles.

Estes foram os que se reuniram para formar um só grupo e tripular a nau. Chamavam-se uns aos outros e pronunciavam discursos. Prepararam alimentos dignos de uma mesa muito hospitaleira. Mas, quando seu ânimo se saciou de comida e bebida, sentados em fila, cada um ansiava pela grande empresa. Levantaram-se todos ao mesmo tempo da areia profunda e dirigiram-se ao lugar onde a nau marítima aguardava sobre a praia, contemplando-a naturalmente com assombro.

Argos, então, seguindo a decisão de sua mente, dispôs-se a lançar a nau com rolos de madeira e cabos bem trançados, que fixou à proa. Chamou respeitosamente todos para que acudissem ao trabalho,[49] e eles obedeceram com presteza. Despojaram-se das armaduras e ajustaram ao peito a corda de arrasto. Cada um suportava prontamente sua parte do peso para arrastar a eloquente Argo até as ágeis ondas. Mas ela, incrustada na areia, estava pesada, retida em terra por algas secas, e não cedia às vigorosas mãos dos heróis.

O ânimo de Jasão se contraiu, e ele me fez secretamente um sinal para que, com meu canto, despertasse por minha vez a confiança e a força dos heróis fatigados. Estendi, então, as cordas da lira com minhas mãos e entoei um canto alegre e ritmado, vindo de minha mãe; de meu peito fiz sair uma voz doce como o lírio:[50]

“Excelsa descendência mínia, de linhagem heroica! Vamos, lançai sobre vossos robustos peitos os cabos e, num esforço comum, firmai as pegadas na terra, estendendo amplamente a ponta dos pés com o auxílio das plantas, e arrastai alegremente a nau para as águas azuladas. Argo, ensamblada com madeira de pinheiro e carvalho, se já ouviste anteriormente minha voz, quando ela encantava as árvores na colina coberta de bosques e as rochas escarpadas, e desceste ao mar,[51] deixando as montanhas, toma agora os caminhos do mar ainda virgem e apressa-te em partir rumo ao Fásis, obedecendo à minha cítara e à minha voz profética.”

---

44 Em Apolodoro, Anceu é irmão de Cefeu, ambos filhos de Licurgo.

45 Apolônio afirma que Eufemo vinha do cabo Tênaro; aqui ele é chamado 'do Tênaro', mas deixa a região do cabo Málea, numa provável confusão entre os dois promontórios.

46 Pleuron era uma cidade da Etólia.

47 Apolônio também usa o nome Palemônio; Apolodoro registra Palêmon. O herói é chamado 'filho de Hefesto' por ter os pés lesionados, à semelhança da claudicação do deus.

48 Bóreas é propriamente um gênio alado, da estirpe dos Titãs que personificam forças elementares da natureza; daí as asas de seus filhos.

49 A botadura da Argo é descrita por Apolônio I 363-393 com muitos detalhes técnicos, mas sem necessidade da ajuda mágica de Orfeu.

50 O grego leírion, 'doce como o lírio', é conjectura de Stephanus para uma lição sem sentido; a expressão também aparece em Apolônio IV 903.

51 Há uma incongruência: a madeira da nau teria descido ao mar antes mesmo de a embarcação ser construída, embora agora ela resista à botadura. Mantém-se a lição da maioria dos códices. Hermann propôs: 'marchavas como companheira ao meu lado', referindo-se às árvores movidas pela música de Orfeu.

Então estremeceu e ouviu-me o carvalho de Tômaro,[52] que Argos, por sugestão de Palas, instalara[53] sob a quilha da negra nau. Com extrema rapidez ele se ergueu, aliviando o peso da madeira, e a nau deslizou velozmente para o mar; em seu impulso, dispersou os numerosos rolos que, presos por uma única corda, estavam sob a quilha. Entrou no porto; a onda azulada recuou e as dunas se molharam por toda parte. Jasão alegrou-se no coração; Argos saltou para dentro da nau, Tífis o seguiu de perto e ambos colocaram em ordem o que fora preparado,[54] aprontando os aparelhos, o mastro e as velas.

Depois fixaram o leme, suspendendo-o na popa e ajustando-o com correias. Distribuíram os remos pelos dois lados e ordenaram aos mínias que entrassem depressa. O Esônida dirigiu-lhes estas palavras aladas:

“Ouvi-me, reis irrepreensíveis, pois não me agrada reinar entre espíritos seletos. Proponde como chefe aquele que vosso coração e ânimo desejarem;[55] a ele caberá, acima de tudo, indicar por palavras e atos o modo de proceder, para atravessar o mar e alcançar a terra, quer se trate dos colcos, quer de outros povos. Pois vós, numeroso grupo de valentes, sois os únicos que comigo vos gloriais de uma linhagem de raiz imortal e assumistes esta empresa comum em busca da glória. Não creio, porém, que exista alguém mais poderoso e valente que o soberano Héracles.[56] Sabei-o também vós.”

Assim falou, e todos naturalmente aprovaram. Espalhou-se entre a multidão a voz de que o Alcida, que tanto sobressaía entre os companheiros, fosse o comandante dos mínias. Mas não persuadiram o prudente soberano: ele sabia que, por decisão de Hera, o filho de Éson merecera essa honra, pois a deusa lhe reservava nobre fama futura. O próprio Héracles, portanto, proclamou Jasão comandante dos cinquenta remadores,[57] em terra e no mar. Todos deram inteira aprovação, conforme Héracles pedia, e decidiram que Jasão seria o chefe.

Enquanto o sol fendia o imenso firmamento com seus velozes corcéis e preparava a negra noite, o filho de Éson cogitou propor aos heróis um pacto e juramentos de aliança, para que aceitassem observar tudo de maneira imutável. Então, ó Museu, caro rebento de Antífemo, ordenou-me prontamente que preparasse belos sacrifícios.

Coloquei, por isso, na margem seca lenha de um carvalho nutriz e, sobre ela, depus em um manto abundantes dons para os deuses. Depois degolei de um só golpe um enorme touro, soberano dos bois, inclinando-lhe a cabeça para o firmamento divino, e derramei seu sangue em torno do fogo por todos os lados. Parti o coração, coloquei-o sobre um bolo ritual, libei azeite fluido e acrescentei leite de ovelha. Ordenei aos heróis que se dispusessem ao redor e, com a força das mãos, cravassem suas lanças e espadas de punho guarnecido na pele e nas vísceras.

No centro enterrei uma vasilha de barro contendo uma bebida ritual,[58] na qual tudo havia sido habilmente misturado: primeiro, a farinha vivificante de cevada de Deméter; depois, o sangue do touro e a água salgada do mar. Ordenei-lhes ainda que pusessem alegres coroas de oliveira. Enchi com minhas mãos uma taça de ouro daquela bebida e a passei ordenadamente, para que cada esforçado rei a provasse; ordenei a Jasão que lançasse uma tocha à pira de pinho seco. A chama divina penetrou na lenha. Então, estendendo as mãos para as ondas do mar ressonante, pronunciei estas palavras:

“Bem-aventurados soberanos do oceano e do mar agitado, que habitais as profundezas; todos vós que ocupais as praias arenosas, cobertas de seixos, e as profundezas marinhas de Tétis![59] Em primeiro lugar invoco Nereu, o mais velho de todos, juntamente com suas cinquenta filhas encantadoras; a pisciforme Glauce e a imensa Anfitrite;[60] Proteu e Fórcis;[61] o poderoso Tritão; os ventos velozes e as brisas de pés de ouro; os astros que brilham ao longe e a escuridão da noite sombria; o fulgor do sol que guia os pés de seus cavalos; os numes marinhos que convivem com os heróis; as divindades das costas e as correntes dos rios que se unem ao

52 Tômaro é um monte da Tesprócia, no sudoeste do Epiro, ainda conhecido pelo mesmo nome.

53 O carvalho foi colocado como falsa ou segunda quilha, reforçando a nau em caso de acidente.

54 A palavra grega transmitida é ininteligível; a correção de Schneider significa 'as coisas preparadas'. Hermann admite que o termo possa funcionar como predicativo de 'mastro' e 'velas': 'deixaram preparados o mastro e as velas'.

55 Em Apolônio, a escolha do comandante ocorre antes da botadura da nau.

56 Aristóteles, Política III 8, 3, ressalta a superioridade física e o valor de Héracles.

57 Cinquenta remadores sem contar Jasão e Orfeu. Apolônio registra 54, Valério Flaco 51 e Apolodoro 45.

58 Segundo Hesíquio, a bebida ritual seria vinho, mel, água e farinha de cevada, composição diferente da descrita aqui.

59 Em Homero e Hesíodo, Tétis é esposa de Oceano; Platão, citando Orfeu, diz que ela também é irmã dele. Aqui e no Hino órfico XXII, personifica o mar.

60 Glauce e Anfitrite são Nereidas.

61 Fórcis é uma divindade marinha da primeira geração divina; cf. Hesíodo, Teogonia 270, 330, e Apolodoro I 2, 6.

mar; e o próprio Crônida de cabelos azulados,[62] que sacode a terra e se lança pelas ondas para sancionar os juramentos. Enquanto permanecermos firmemente como auxiliares de Jasão, colaborando com decisão nas tarefas comuns, possamos regressar salvos, cada um à sua casa. Mas, se alguém violar o pacto sem se preocupar com a transgressão de seu juramento, sejam testemunhas a Justiça reparadora e as Erínias distribuidoras de desgraças."

Assim falei. Eles deram sua aprovação, temerosos dos pactos juramentados, e os confirmaram com as mãos.

Depois de prestar e concluir o juramento, todos entraram na cavidade da nau, colocaram as armas sobre os bancos e agarraram os remos. Tífis recebeu a incumbência de recolher com grossos cabos a longa escada, desfraldar as velas e soltar as compridas amarras do porto. Hera, esposa de Zeus, enviou então uma brisa sibilante para a partida, e a Argo apressou-se a sulcar as águas.

Os incansáveis soberanos aplicavam mãos e mente ao manejo dos remos; o mar imenso se fendia e a espuma se avolumava[63] por toda parte sob a quilha. Quando a sagrada Aurora, saindo das águas do Oceano, abria o oriente, e a Filha da Manhã a seguia, trazendo luz agradável aos mortais e aos imortais, apareceram desde a costa as elevações e o cume ventoso do Pélion coberto de bosques. Tífis, detendo o leme com as duas mãos, mandou que fendessem levemente as águas com os remos. Rapidamente abordaram a margem escarpada e lançaram da nau para o porto uma escada de madeira. Os heróis mínias desembarcaram e descansaram da fadiga. Entre eles, metido no meio do grupo, começou a falar Peleu, o cavaleiro:

"Amigos, contemplai aquele cume sombrio que domina a elevação no meio da escarpa. Ali habita, em uma caverna, Quíron,[64] o mais justo dos Centauros criados em Fóloe[65] e nos escarpados cumes do Pindo.[66] Ele se dedica, como se sabe, à prática da justiça e à cura das doenças. Outras vezes, dedilhando entre as mãos a cítara de Febo ou a melodiosa fórminx de Hermes, de caixa sonora, proclama seus juízos a todos os vizinhos. Então Tétis de pés de prata tomou nos braços meu tenro filho recém-nascido, foi ao Pélion de folhagem agitada e entregou-o a Quíron, para que o acolhesse e educasse bem e habilmente. Um forte desejo de vê-lo domina agora meu coração. Aproximemo-nos, amigos, da caverna, para contemplar a aparência de meu filho e as qualidades que o distinguem."

Assim falou e seguiu por uma trilha; nós o acompanhamos. Entramos na tenebrosa caverna. Deitado sobre seu leito, no chão, repousava o grande Centauro, tendo estendido e apoiado numa rocha seus velozes membros de cascos equinos. O filho de Tétis e Peleu estava ao seu lado, tocando a lira com a mão, e Quíron se alegrava no coração. Ao contemplar os ilustres reis, saltou jubiloso e beijou, como era natural, cada homem. Preparou uma refeição, trouxe bebida em ânforas e espalhou pétalas sobre leitos de folhagem cortada. Pediu-lhes que se reclinassem e, em rústicos recipientes trançados,[67] serviu-lhes carne abundante de javalis e velozes cervos; depois lhes distribuiu vinho doce como o mel.

Quando seu ânimo ficou suficientemente saciado de comida e bebida, eles me animaram com gritos e palmas a competir com Quíron no manejo da cítara de sons profundos. Recusei, pois me envergonhava medir minhas forças, tão jovem, com alguém de idade; até que o próprio Quíron manifestou seu desejo e, contra minha vontade, pediu que disputássemos no canto e na melodia.

O Centauro foi o primeiro a tomar a bela harpa que Aquiles trouxe e colocou em suas mãos. Cantava a luta dos Centauros de coração violento, mortos pelos lápitas por causa de sua maldade,[68] e como, enlouquecidos, enfrentaram Héracles em Fóloe, porque o ardor do vinho os excitara.[69]

Depois dele, tomei minha sonora fórminx[70] e de minha boca emiti e espalhei um canto de doce acento. Primeiro, o sombrio hino do antigo Caos: como ele transformou os elementos; como o céu foi lançado aos confins; o nascimento da terra de amplo peito e das profundezas do mar; e o Amor antiquíssimo, autossuficiente

---

62 Não se trata de Zeus, mas de seu irmão Posídon. O epíteto 'Crônida' é adequado a ambos, filhos de Crono.

63 Schneider observa que se fala normalmente em mar avolumado, não em espuma avolumada.

64 O célebre centauro Quíron educou Aquiles e Jasão; era conhecido por suas habilidades médico-cirúrgicas e por seu sentido de justiça.

65 Fóloe é um planalto montanhoso entre a Élida e a Arcádia.

66 O Pindo é uma cadeia montanhosa entre a Tessália e o Epiro.

67 A palavra dos manuscritos é praticamente ininteligível. Dottin a traduz por 'pratos'; Hermann propõe 'trançados', isto é, cestinhos de esparto ou vime usados como pratos, reforçando a rusticidade da cena.

68 Nem todos os Centauros morreram: houve baixas nos dois lados, mas os lápitas venceram e os expulsaram da Tessália.

69 A passagem alude ao episódio do javali de Erimanto. Hospedado pelo centauro Folo, Héracles recebeu vinho; o cheiro atraiu outros Centauros, que chegaram excitados e o enfrentaram.

70 Observe-se o paralelismo entre o Centauro e Orfeu ao iniciar cada canto.

e muito sábio, tudo o que gerou e separou, uma coisa da outra. Cantei Crono, o destruidor, e como o poder real sobre os felizes imortais chegou a Zeus, que se compraz no raio. Cantei o nascimento e a discórdia dos bem-aventurados mais jovens,[71] as empresas destruidoras de Brimo,[72] Baco e os Gigantes, e celebrei também a populosa estirpe dos frágeis homens.

Meu canto percorria a estreita caverna, pois a lira fazia ouvir um som doce como o mel. Ele voou[73] para os altos cumes e os vales arborizados do Pélion; a voz chegou aos elevados carvalhos, que se arrancaram pelas raízes e correram em direção à caverna, enquanto as rochas ressoavam. As feras, ao ouvir o canto, saíam de seus esconderijos e paravam diante da caverna. As aves formavam círculos em torno dos estábulos do Centauro, com as asas cansadas, e esqueciam seus ninhos.

À vista disso, o Centauro ficou admirado; batia fortes palmas e golpeava o chão com os cascos. Tífis chegou vindo da nau e ordenou aos mínias que partissem imediatamente. Cessei o canto. Eles se levantaram depressa e cada um vestiu sua armadura. Peleu, o cavaleiro, tomou o menino nos braços, beijou-lhe a cabeça e ambos os olhos, sorrindo entre lágrimas;[74] Aquiles alegrou-se no coração.

O Centauro me ofereceu de sua própria mão um presente: uma pele de cervato com aspecto de pele de pantera, como dom de hospitalidade. Quando saímos aos saltos da caverna, o velho filho de Fílira,[75] do alto da elevação, ergueu as mãos e suplicou a todos os deuses pelo regresso dos mínias e pela conquista de nobre fama para os jovens reis, mesmo entre as gerações futuras. Ao chegar todos à praia e à nau, sentaram-se nos lugares anteriores, tomaram os remos e batiam o mar, afastando-se do Pélion. Sobre o grande abismo marinho, a espuma fervente embranquecia o mar brilhante. Desapareceram de vista o pico de Pisa e a costa de Sépias; apareceu Escíato, tornou-se visível o túmulo de Dólope, a marítima Hômole e a corrente que, atravessando extensa região, conduz ao mar suas águas tumultuosas.[76]

Os mínias contemplaram os escarpados cumes do Olimpo, com suas elevadas rochas, contornaram o arborizado Atos e a ampla Palene. Também se encaminharam alegremente, seguindo meus conselhos, para a sacratíssima Samotrácia, onde se celebram os terríveis ritos juramentados dos deuses, inexprimíveis aos mortais. Grande proveito deriva desse ritual para os homens, sobretudo para todos os navegantes.

Atracamos a veloz nau entre as rochas dos síntios,[77] na sacratíssima Lemnos. Ali, as mulheres haviam cometido ações perversas: por causa de suas afrontas, mataram os próprios maridos;[78] e a ilustre Hipsípila, superior entre as mulheres por sua beleza, governava-as para satisfação delas. Mas por que te exporia abertamente um longo relato a respeito de tudo isso?[79] Que desejo Cípris, nutridora dos amores, infundiu nas nobres lêmnias para que se unissem no leito aos mínias? Jasão seduziu Hipsípila com seu encanto, e cada herói se uniu a uma mulher. Eles teriam esquecido a viagem, se minhas palavras dissuasórias, nascidas de meu espírito mágico, não os tivessem arrancado ao encantamento,[80] conduzido de volta à negra nau e feito lembrar, desejosos de remar, a empresa que haviam assumido.

Dali, ao amanhecer, o poderoso Zéfiro, vento favorável, levou-nos pelo Helesponto, além do estreito de Ábidos, até Troia dardânia, deixando à direita Pítia, onde o Esepo rega com águas prateadas o território de Abárnis e Percote, rico em espigas.[81] Impelida com rapidez, a loquaz Argo corria. Quando aportamos na areia,

---

71 Isto é, os deuses clássicos do panteão olímpico.

72 Sobre Brimo, cf. a nota 7.

73 Segue-se a conjectura de Hermann, 'voou', que faz paralelo com 'chegou' no verso seguinte e é mais coerente que as lições manuscritas.

74 Expressão semelhante a Homero, Ilíada VI 484: Andrômaca recebe o filho nos braços 'sorrindo entre lágrimas'.

75 Quíron era filho de Crono e Fílira, filha de Oceano.

76 A geografia parece inspirada em Apolônio, embora a ordem de alguns lugares varie. 'Pisa' provavelmente deve ser 'Tisa', monte da Tessália. Hômole também é um monte tessálio; Sépias fica no sul da península de Magnésia, diante de Escíato. A identidade de Dólope é incerta. Hermann propôs substituir 'torrente' por 'Anauro'.

77 Síntios era o nome dado aos habitantes primitivos de Lemnos; significa aproximadamente 'saqueadores' ou 'piratas'.

78 As afrontas aludem ao abandono das esposas pelos homens de Lemnos. Afrodite castigara as mulheres com mau cheiro porque elas deixaram seu culto; os maridos passaram a preferir escravas e concubinas, e as lêmnias os mataram. O episódio foi muito difundido e inspirou tragédias hoje perdidas de Ésquilo, Eurípides e Sófocles.

79 Recurso retórico pelo qual o poeta declara desnecessária uma narração minuciosa, como também nos vv. 858, 886, 1191 e 1347. Apolônio dedica cerca de 300 versos ao episódio de Lemnos.

80 Mais literalmente, 'palavras apotropaicas', destinadas a desfazer o encantamento em que os argonautas haviam caído. Em Apolônio I 865, é Héracles quem os incita a continuar a viagem.

81 A ordem geográfica é imprecisa: Troia ficava na entrada do Helesponto e deveria ser citada antes do estreito de Ábidos. Percote, Pítia e Abárnis situavam-se na direção da Propôntida, antes de Lâmpsaco.

Tífis, piloto da nau, o ilustre filho de Éson e outros mínias ergueram uma pesada pedra em honra de Tritogênia de olhos glaucos, no lugar em que as ninfas conduzem belos riachos, ao pé da fonte Artácia.[82]

Como uma calma aprazível os surpreendeu ao abrigo de um golfo, enquanto navegavam pelo amplo Helesponto, não lançaram à terra as âncoras bem curvas, açoitados pelas águas sob o impulso de ventos tempestuosos. Ali, nos promontórios pedregosos, preparamos comida e abrigo e cada um cuidou de sua ceia. Quando estávamos reclinados para comer,[83] apresentou-se o herói Cízico, que reinava entre os dólopes, povo vizinho; era o querido filho de Eneu, gerado por Enipe de belas faces, divina entre as mulheres, filha de Eusoro. Ele honrou naturalmente todos os mínias com sua hospitalidade: degolou gordas ovelhas, bois de chifres retorcidos e passo lento e porcos selvagens; ofereceu-lhes ainda vinho tinto e, para que levassem quando partissem, trigo em abundância, mantos, cobertores e túnicas bem tecidas. Estimava os presentes por terem sua mesma idade e, por isso, os acompanhava em banquetes que duravam o dia inteiro.

Mas, quando o Titã mergulhou nas águas do Oceano e a lua de túnica estrelada agitava as trevas de negros fulgores, puseram-se em movimento os belicosos habitantes das montanhas do Norte, de olhar espantado como feras,[84] semelhantes aos vigorosos Titãs e Gigantes. De cada ombro saíam seis mãos. Voltando os olhos para eles, os reis invencíveis lançaram-se ao combate depois de vestir as armaduras de guerra.[85] Aqueles seres lutavam com pinheiros e abetos e caíram sobre os mínias em meio à névoa escura. O valoroso filho de Zeus, disparando o arco, matava-os à medida que atacavam. Ao mesmo tempo, porém, matou involuntariamente Cízico, filho de Eneu, arrastado por seu ímpeto;[86] pois o destino do jovem era ser abatido por Héracles.[87]

Os mínias entraram rapidamente na côncava nau com suas armas e cada um se sentou em seu banco. Da popa, Tífis gritava para que recolhessem a escada e soltassem as amarras. Mas os cabos não se desprendiam: presos por nós impossíveis, próprios de uma laçada apressada, apertavam e retinham a embarcação. O irrepreensível Tífis ficou atônito e, sem voz, deixou cair das mãos o leme da Argo, pois já não esperava atravessar as águas, uma vez que Reia estava irritada pelo extermínio de sua gente.

Quando a noite cumpriu metade do percurso e os astros visíveis ao longe mergulharam nas correntes do Oceano, o doce sono aproximou-se imperceptivelmente do piloto e fechou-lhe os olhos. Enquanto dormia profundamente, a deusa Atena, firme em meio ao fragor do combate, colocou-se ao lado dele, revelou-lhe instruções precisas e dirigiu-lhe estas palavras divinas:

“Dormes, Agníada, vencido pelo doce sono, depois que lançaste[88] um profundo torpor sobre as pálpebras. Desperta, Tífis, e ordena aos heróis que se encaminhem à costa tranquila, saltando da nau no lugar em que seu hóspede jaz morto sobre a areia. Reia, mãe do universo, ordena que lhe presteis honras fúnebres, ofereçais libações aos deuses subterrâneos e derrameis lágrimas dos olhos,[89] respeitando Têmis, senhora dos ritos sagrados, e a mesa hospitaleira daquele a quem Héracles matou sem querer ao disparar na escuridão da noite. Irritastes também o coração da deusa Reia. Depois de honrar segundo as regras devidas o hóspede morto, subi imediatamente ao Díndimo, morada de Reia, e, com expiações sagradas, tornai propícia a filha de Geia. Recolhei então as amarras e pensai em vossa viagem.”

Assim falou a deusa, girou sobre si mesma e lançou-se ao céu como uma flecha. O sono de Tífis dissipou-se imediatamente; ele saltou de súbito na popa e despertou aos gritos o grupo que dormia aqui e ali, reclinado contra o costado da nau. O medo dominava-lhe a alma, e ele relatou depressa e de modo atropelado a todos os heróis a visão do sonho.[90]

Eles despertaram prontamente e cada um saltou para a praia. A Aurora de rédeas de ouro abriu o oriente desde o firmamento escuro, e o céu acolheu a luz matinal. Os chefes mínias contemplaram então o cadáver, manchado de sangue e poeira; ao redor jaziam outros corpos horrendos das feras.

---

82 Tritogênia é epíteto de Atena. A fonte Artácia não é a homônima do país dos lestrigões na Odisseia, mas a fonte próxima a Cízico mencionada por Apolônio I 957.

83 A nota do editor esclarece simplesmente que os heróis estavam reclinados para comer.

84 A forma grega dos manuscritos é pouco clara. Hermann propôs outra que significaria aproximadamente 'de natureza semelhante às feras'.

85 Há um hysteron proteron: a ordem lógica seria 'vestiram as armaduras e lançaram-se ao combate'.

86 Em Apolônio I 1030, Cízico é morto por Jasão, não por Héracles.

87 Os gigantes eram filhos de Reia. O relato é confuso: em Apolônio, os gigantes são repelidos; depois, uma tempestade devolve os argonautas ao país dos dolíones, e, sem se reconhecerem na escuridão, eles combatem, ocasião em que Cízico morre.

88 O texto grego diz literalmente 'depois de ter lançado'; Hermann aceita a conjectura de Ruhnken, 'depois de ter recebido' um profundo sono.

89 Derramar lágrimas pelos mortos fazia parte estrita do ritual funerário.

90 O pronome refere-se a Tífis, o piloto.

Espalharam-se pelo lugar, colocaram o soberano Cízico sob pedras planas e bem polidas, lançaram terra para formar a sepultura e ergueram um túmulo. Reuniram rapidamente troncos, prepararam vítimas inteiramente negras e as depuseram em fossas. Eu apaziguei sua alma, derramando oferendas suavizadoras de água e mel, aspergindo-as ao mesmo tempo com libações daquilo que brota das abelhas e honrando-o com meus cantos.

O próprio Esônida propôs uma competição fúnebre,[91] para que os companheiros recebessem como prêmios os presentes que Hipsípila lhe dera para levar de Lemnos. A Anceu concedeu, como prêmio da luta, uma taça dupla, larga e de ouro. A Peleu, vencedor pela velocidade no estádio, deu um manto de púrpura, primorosa obra de Atena. Como prêmio do pancrácio,[92] concedeu a Héracles uma resplandecente cratera de prata; pela competição hípica, deu a Cástor um ornamento de lâminas de ouro muito trabalhadas. No pugilato, entregou ao vencedor Pólux um cobertor florido, pois ele obtivera brilhante vitória. O próprio Jasão tomou um arco recurvo e flechas, retesou-o e lançou um dardo que voou para longe. A hoste mínia entregou ao Esônida, como presente honorífico, uma coroa de belas flores trançada com ramos de oliveira de longas folhas. A mim, o divino Jasão ofereceu, como prêmio por meu canto, sandálias de ouro providas de asas.

A competição terminou.[93] A notícia da morte de Cízico voou para o interior de sua casa. Ao ouvi-la, a infeliz esposa dilacerou o peito, soltou agudos gritos de dor e, amarrando uma corda ao redor do pescoço, tirou a própria vida por estrangulamento. A terra recebeu suas lágrimas sobre uma laje e fez brotar dali uma água de fonte prateada, perene, que os habitantes chamam Clite.[94]

Então os reis, por causa do que haviam sabido no sonho,[95] encaminharam-se[96] à divina encosta e ao cume do Díndimo,[97] a fim de aplacar a antiga Reia com libações de bom vinho e evitar a cólera da soberana. Eu os segui, sustentando a fórminx nas mãos. Argos também chegou, depois de deixar a nau bem construída; cortara com ferro afiado um ramo de videira enlaçado a um abeto de casca fina e, graças à sua habilidade, esculpira cuidadosamente uma imagem sagrada,[98] para que permanecesse para sempre às gerações futuras. Com pedras bem lavradas, construiu um recinto[99] para a soberana.

Os mínias, como era natural - e acima de todos o Esônida -, aplicaram-se ao trabalho e ergueram um altar de seixos. Nele os chefes fizeram libações, sacrificaram um touro e apresentaram belas oferendas. Tornaram Reia favorável por meio das libações e depois me pediram que celebrasse e honrasse a deusa, para que concedesse aos suplicantes um retorno feliz.

Depois de implorá-la com sacrifícios e súplicas, descemos à nau Argo. Da popa, Tífis chamava os heróis, e todos se apressaram a ocupar os assentos anteriores; acomodados em seus lugares, aplicaram-se aos remos. De súbito, os delgados cabos se desprenderam da terra e as amarras se soltaram. Do cume do Díndimo, Reia de esplêndido véu enviou imediatamente um vento favorável. Na nau, celebramos oferendas de honra, depois de coroar o altar, para que as gerações futuras conhecessem Pismátia,[100] o lugar em que se desprenderam as amarras da nau de Argos que estivera retida.

Quando o vento encheu as velas, a embarcação lançou-se com ímpeto, atravessou as ondas salgadas e passou junto aos confins da terra mísia. Em sua navegação, ultrapassou rapidamente a foz do Ríndaco,[101] penetrou em belos ancoradouros arenosos e atracou na praia. Tomaram os cabos, recolheram as velas e as prenderam com correias, apoiaram a escada na terra e desembarcaram, desejosos de comer e beber. Ao redor erguia-se o cume do Arganto[102] e suas alturas escarpadas.

---

91 Em Apolônio não há competição atlética em honra de Cízico.

92 O pancrácio, como competição esportiva, aparece pela primeira vez em Píndaro, Nemeia III 18.

93 A expressão recorda o início do canto XXIV da Ilíada, após os jogos fúnebres por Pátroclo.

94 Clite era o nome da esposa de Cízico, filha do adivinho Mérope, da vizinha Percote.

95 Referência ao sonho de Tífis narrado a partir do v. 532.

96 O verbo de movimento não aparece no texto e é suprido pelo contexto. Hermann e Eschenbach admitiram a perda de um verso inteiro neste ponto; a antiga tradução latina de Cribello também assinala uma lacuna.

97 Atena recomendara no v. 553 que subissem ao santuário de Reia no Díndimo.

98 Apolônio I 1117 também menciona a confecção dessa imagem.

99 Apolônio fala em altar; o grego aqui significa propriamente 'casa' ou 'recinto'. O altar é construído no verso seguinte.

100 O nome grego Peismatíe relaciona-se a peîsma, 'amarra de navio'.

101 Rio da Frígia, região fronteiriça com a Mísia.

102 Monte da Bitínia, chamado Argantônio em Apolônio I 1176. Os argonautas já haviam ultrapassado também a Frígia.

Héracles entrou apressado nos vales arborizados, levando nas mãos o arco e as flechas de três pontas, a fim de caçar e obter alimento para os companheiros: javalis, uma novilha de chifres[103] ou uma cabra selvagem. Quando já se afastara dos companheiros, Hilas saiu da nau[104] e o seguiu às escondidas. Perdeu-se por um caminho tortuoso, vagou pelo bosque e entrou na gruta das ninfas dos pântanos. Ao vê-lo chegar, ainda rapaz e semelhante a um deus, elas o retiveram, para que se tornasse imortal junto delas e não envelhecesse ao longo dos dias.

Quando o Sol conduziu seus velozes corcéis ao meio do dia e um vento favorável soprou depressa do monte, caindo sobre as velas brancas, Tífis gritou para que entrassem na nau e soltassem as amarras da praia. Eles obedeceram às ordens do piloto. Polifemo, filho de Élato, subiu prontamente a um promontório para chamar Héracles de volta à nau. Mas não o encontrou, pois o robusto Héracles já tinha decretado pelo destino que não iria ao Fásis de bela corrente.

Com a Aurora, entramos na terra funesta onde Âmico[105] reinava entre os arrogantes bébrices. Sem se preocupar com a lei de Zeus, inspirador de todos os oráculos,[106] ele estabelecera como competição para qualquer estrangeiro que chegasse de povos vizinhos a seus domínios e sólida morada a obrigação de medir forças em terrível pugilato. O poderoso Pólux o aniquilou violentamente, desferindo-lhe de surpresa um golpe na cabeça com suas duras correias.[107] Os mínias, por sua vez, eliminaram com as armas o povo bébrice.

Partimos e, esforçando-nos nos remos, chegamos à grande cidade dos bitínios, numa costa profunda. Apressamo-nos pela foz e pelos bosques brancos como a neve, acampamos ao entardecer e preparamos a refeição.

Ali, certa vez, Fineu, de funesto matrimônio, movido por pernicioso acesso, cegara seus dois filhos e os expusera nos promontórios rochosos como presa das feras, por causa dos encantos de uma mulher.[108] Mas os filhos do ilustre Bóreas os mantiveram incólumes, conservaram-lhes a vista e lançaram sobre Fineu a desgraça de sua terrível cólera, privando-o do esplendor da luz.[109] Depois, o violento Bóreas o arrebatou em tempestades rodopiantes e o fez girar pelos densos bosques e selvas da Bistônia, para que ali encontrasse sua morte e destino funestos.

Depois de abandonar o acampamento de Fineu Agenórida, chegamos, sobre o grande abismo do mar, às rochas Ciâneas,[110] que minha mãe, a prudente Calíope, me mencionara certa vez. Elas jamais escapam de seu penoso movimento; ao contrário, impelidas por brancas tempestades de vento, chocam entre si e, lançando-se, caem umas contra as outras.[111] O estrondo e o mar grosso, produzidos ao mesmo tempo pelo rompimento das ondas e pela fúria das águas, chegavam ao vasto céu; imensa espuma tremia sobre a vaga fervente.

Disse ao Agníada que voltasse os olhos para a popa, a fim de precaver-se. Ao ouvir-me, seu ânimo encolheu, e ele guardou no peito o que deveria fazer, sozinho e sem os heróis. Mas Atena de olhos glaucos, por sugestão de Hera, enviou uma garça para que pousasse na extremidade da verga. A ave voou irritada e, sustentada pelas asas, girava entre as profundas rochas. Estas, agitando-se imediatamente de ambos os lados, caíram uma contra a outra e cortaram a ponta de sua cauda, mas entrechocaram-se em vão.

Quando a garça escapou à dolorosa morte, Tífis instruiu os heróis em voz baixa. Eles, atentos, fendiam ansiosamente as águas rápidas com os remos. Eu, com meus cantos, enganei as escarpadas rochas, que se apartaram uma da outra. As ondas refluíram com estrondo, e o abismo abriu passagem à nau obediente à minha cítara, graças à minha voz prodigiosa. Quando a quilha falante atravessou a entrada do estreito entre as rochas Ciâneas, elas criaram raízes no fundo e permaneceram firmes para sempre.[112] Assim as poderosas Parcas teceram estes acontecimentos.

---

103 É surpreendente a menção de uma novilha selvagem como presa, ao lado de javalis e cabras.

104 Segundo Apolônio I 1208, Hilas saiu para buscar água.

105 Âmico era o gigantesco e fortíssimo rei dos bébrices na Bitínia; desafiava ao pugilato todos os que entravam em seu território.

106 O epíteto grego panomphaîos, 'inspirador de todos os oráculos', também aparece na Antologia Palatina VI 52.

107 As himántes eram tiras de couro ajustadas à mão, antecedente remoto das luvas de boxe; o nome técnico era mýrmekes.

108 Fineu casara-se primeiro com Cleópatra, filha de Bóreas, e tivera Plexipo e Pandião. Depois a repudiou e se casou com Ideia, filha de Dárdano, que, por ciúme, acusou os enteados de tentar violentá-la; Fineu perdeu a razão e cegou os filhos. Há variantes da lenda e do local de seu reino.

109 Cálais e Zetes, filhos de Bóreas, eram irmãos de Cleópatra. Outras versões atribuem a cegueira de Fineu a causas diferentes.

110 As rochas Ciâneas, 'negras' ou 'azuladas', também chamadas Simplégades, ficam na saída do Bósforo em direção ao mar Negro.

111 A impressão de que as rochas se moviam deve ter sido causada pelo forte marulho e pelas correntes que as açoitam.

112 Em Apolônio II 605, as rochas se fixam uma à outra, mas é Atena, não Orfeu, quem ajuda a Argo a atravessá-las.

Depois de escapar aos duros sofrimentos da morte, chegamos à foz do Rébano,[113] costa negra além da alongada ilha Tineida.[114] Longe dela, o Têmbrio, rico em peixes, transborda por margens floridas, e também o Sangário,[115] [715] que desliza para as águas do Euxino.[116] Quando nos aproximamos da costa com os remos, atracamos junto à corrente do Lico, onde reinava sobre o povo Lico, que dera seu nome ao rio. Ele acolheu [720] os heróis mínias, recebeu-os em sua mesa hospitaleira e os tratou continuamente com afeto, noite e dia.

Também ali o destino apareceu para destruir dois homens: Idmon, filho de Âmpix, e o piloto Tífis. Uma doença perniciosa apoderou-se do corpo de um; uma fera, um javali selvagem, matou o outro. [725] Lançando terra sobre eles para formar as sepulturas, amontoaram areia branca,[117] obedecendo a Anceu, pois todos afirmavam que ele sobressaía por sua ciência náutica.[118] Tomou na mão a cana do leme [730] e conduziu a nau às correntes do Partênio,[119] chamado também Calícoro, rio a que já aludi em relatos anteriores.

Dali, costeando a extremidade do promontório, chegamos ao país dos paflagônios; a Argo o ultrapassou em sua carreira pelo grande abismo do mar [735] e alcançou o cabo Carâmbis, onde se encontram o Termodonte e o curso do Hális,[120] que desemboca na costa fazendo saltar para baixo seus redemoinhos salobros, diante da Ursa boreal, onde se estendem as longas encruzilhadas de Temiscira Deântida.[121] [740] Próximas estão as cidades das Amazonas domadoras de cavalos. Os cálibes, as comunidades tibarenas e os povos bequiros habitam ao redor da planície juntamente com os mossinecos.[122] Navegando à esquerda, chegamos às costas dos macros,[123] vizinhos dos mariandinos.

Mais abaixo estende-se o longo promontório de Hélice,[124] [745] onde, ao pé dos penhascos, se distingue ao longe um círculo de depressões, além da ampla enseada do golfo. Ali se encontra o pico de Sime[125] e a grande pradaria verdejante; ali corre o estrondoso Araxo, do qual derivam o Termodonte, o Fásis e o Tânais,[126] [750] e ali habitam as ilustres tribos dos colcos, heníocos e araxos.

Depois de ultrapassar o mencionado promontório,[127] navegamos pelos ancoradouros interiores dos uros, quidneos, carandeus, sólimos[128] e povos assírios.[129] [755] Passamos pelo áspero recodo de Sinope,[130] pelos fíliros, nápatas, pelas numerosas cidades dos sapiros e, além deles, pelos bizeros e pelas inóspitas tribos dos sigimnos.[131]

Impelida pelo vento, com as velas enfunadas, a Argo navegava ao amanhecer, quando a Aurora se dirigia ao mundo infinito, rumo à extremidade do Inóspito,[132] [759] em direção ao Fásis de bela corrente. Mas,[133] [763] quando atravessamos a foz do rio de curso tranquilo, imediatamente, como era de esperar, [761] apareceram o recinto e a

---

113 Rio da Bitínia. A maioria dos códices traz Rébano; Schneider corrigiu para Rebeu com base em Apolônio II 789, correção aceita por Hermann e Abel.

114 Ilha situada diante da costa da Bitínia.

115 Têmbrio e Sangário são rios da Bitínia. O primeiro também aparece como Tembrogio em Plínio e Timbrete ou Timbris em Tito Lívio.

116 Em outras passagens, Orfeu chama o mar Negro de Áxino, 'inóspito'; Euxino significa 'hospitaleiro'.

117 Os finais dos vv. 725-726 são incongruentes. O tradutor conserva o texto de Dottin, apesar de uma provável errata no verso 725.

118 Com a morte de Tífis, Anceu assume o leme por sua ciência náutica. Em Apolônio II 864-898, Atena é quem o inspira a tornar-se piloto.

119 Rio da Paflagônia. O sobrenome Calícoro refere-se aos coros que Dioniso teria instituído ali ao regressar da Índia. Apolônio distingue Calícoro e Partênio, embora Eschenbach os considere o mesmo rio.

120 Termodonte e Hális ficam bastante distantes do cabo Carâmbis. Mais a leste estão o cabo de Sinope e, depois, as desembocaduras do Hális - atual Kızılırmak - e do Termodonte - atual Terme -, nessa ordem.

121 Temiscira, na planície de Deas, à margem esquerda do Termodonte, era a residência tradicional das Amazonas. O fim do v. 739 é ininteligível; a tradução conserva uma palavra entendida aproximadamente como 'encruzilhadas'.

122 Entre esses povos, os cálibes eram célebres por sua habilidade na metalurgia do ferro.

123 Apolônio II 394 os chama macrones.

124 Não se sabe qual é o promontório de Hélice. Não pode ser o Quersoneso Táurico, atual Crimeia, situado no lado oposto. A partir do v. 745, o itinerário diverge bastante de Apolônio.

125 Não pode ser a pequena cidade de Sime na costa da Cária, muito distante; o nome não é documentado como povoação ou monte do Ponto.

126 O Tânais é o atual Don. Evidentemente Termodonte, Fásis e Tânais não nascem todos do Araxo.

127 O relativo grego parece referir-se ao longo promontório de Hélice. Dottin evita a dificuldade traduzindo apenas 'costeando esta costa'. Talvez o promontório formasse um grande golfo diante dos povos listados, mas não foi localizado.

128 Povos de difícil localização.

129 'Assírios' é usado em sentido amplo, provavelmente para leuco-sírios, capadócios e outros povos da região do Termodonte. Delage identifica essa Assíria com a Leuco-Síria ou Capadócia do Ponto.

130 Sinope fica ao sul do cabo Leptes, num recodo que abre um golfo. O itinerário já a teria ultrapassado. A cidade, ainda não fundada na época mítica, tornou-se importante porto comercial da Capadócia.

131 Pouco se sabe desses povos. Fíliros, sapiros e bizeros aparecem em Apolônio; nápatas seriam habitantes de Nápis, aldeia cita; sigimnos ou siginos eram um povo nômade próximo ao Istro.

132 'Inóspito' é o epíteto habitual do mar Negro, salvo no v. 716, onde aparece 'Euxino', isto é, Hospitaleiro.

133 A sequência dos vv. 760-766 foi reorganizada por Hermann. A numeração preservada por Dottin e seguida aqui permite reconhecer a ordem original, também visível na tradução latina de Cribello.

escarpada muralha de Eetes, bem como os bosques em que o velo de ouro estava suspenso num carvalho cujas bolotas caíam como granizo.[134] Alceu tomou a palavra [761-762] e ordenou-lhes imediatamente que recolhessem as velas, baixassem a verga depois de abater o mastro e navegassem a remo.

Eles se aplicaram a cada uma dessas tarefas. Jasão, porém, preocupava-se na mente e no coração e expôs amplamente aos mínias sua dúvida: ou se dirigiria sozinho, sem os demais, ao palácio de Eetes e procuraria conquistá-lo com palavras suaves; ou, com todos os heróis, fixaria desde o princípio a atenção no combate. Mas não agradava a todos os mínias avançar em bloco. Hera de braços brancos lhes infundira medo e irresolução no coração, para que o destino se cumprisse.

A deusa enviou rapidamente do céu um sonho pernicioso[135] à morada de Eetes. Lançando-se sobre ela, o sonho infundiu no espírito do rei um medo terrível: pareceu-lhe que um astro resplandecente saltava através do caminho do ar para o amável regaço de Medeia, a donzela que ele criava em seu palácio. Ela o acolheu alegremente em suas vestes e correu com ele para o curso do Fásis de bela corrente. Mas o astro, tomando o curso do rio sem abandoná-la, afastava-se com ela pelo Ponto Inóspito.[136]

Ao contemplar isso, Eetes libertou-se do sono insidioso. Um pânico súbito e odioso arrastou-lhe o ânimo, e ele saltou do leito. Ordenou prontamente aos servos que aparelhassem e atrelassem os cavalos ao carro, a fim de dirigir-se à agradável corrente, aplacar o Fásis de abundantes redemoinhos e, ao mesmo tempo, as ninfas locais e as almas dos heróis que chegavam ao rio.

Chamou as filhas para fora de seu aposento perfumado: Calcíope, com os filhos de Frixo, já falecido, e a terna Medeia, venerável donzela que sobressaía em beleza, para que o acompanhassem. Apsirto, seu filho,[137] habitava uma mansão longe da cidade;[138] Eetes foi com as filhas num carro dourado, e os cavalos rapidamente o transportaram da planície até a foz do rio coberto de juncos, onde ele sempre levava à corrente seus votos e belas oferendas.

A Argo abordou aquelas costas. Eetes contemplou a nau e o numeroso grupo que nela viajava: o conjunto de heróis sentados em fila, semelhantes aos imortais, pois as armaduras resplandeciam ao redor deles. Entre todos sobressaía o divino Jasão, porque Hera o estimava sobremaneira e lhe concedera beleza, estatura e vigor físico extraordinários.

Quando se aproximaram, Eetes e os mínias olharam-se mutuamente e sentiram o ânimo encolher. À frente deles, sobre o carro, Eetes brilhava como um sol, graças aos fulgores de suas vestes de ouro. Ao redor da cabeça trazia uma coroa da qual saíam raios ardentes; nas mãos agitava um cetro semelhante ao relâmpago; a cada lado estavam sentadas suas duas filhas, e ele se orgulhava de tê-las consigo. Chegando perto da nau, lançou um olhar terrível e de seu peito saíram palavras duras em meio a fortes gritos; interpelou-os em alta voz:[139]

“Dizei-me quem sois, que necessidade vos oprime, de onde vos veio o desejo de passar pela terra de Cita[140] e como não tendes medo de minha soberania nem do povo dos colcos submetido a meu cetro, indestrutível para Ares de lança em punho e experiente em combater valentemente aqueles que se lançam no tumulto da batalha.”

Assim falou. Todos permaneceram quietos e em silêncio. Mas Hera, a venerável deusa, infundiu coragem no ânimo do Esônida, que respondeu em alta voz:

“Não viemos como piratas, nem, ao visitar uma terra estrangeira, praticamos contra os homens atos injustos, levados pela imposição de uma soberba fatal, como tantos desejam fazer durante a vida em benefício próprio. O querido filho de Posídon, meu tio paterno Pélias, impôs-me a tarefa de tomar o velo de ouro e regressar a Iolco bem fundada. Meus fiéis companheiros não são homens sem renome: uns descendemos dos

134 A comparação com o granizo se baseia na dureza das bolotas e no ruído que produzem ao cair em abundância quando o carvalho é sacudido.

135 Este sonho enviado por Hera não aparece em Apolônio; inversamente, o sonho de Medeia narrado por Apolônio III 618 não aparece no poema órfico.

136 O grego é ambíguo: não se pode saber se o astro se afasta levado pela corrente ou acompanhado por Medeia. A segunda interpretação parece mais lógica.

137 Apsirto era filho de Eetes.

138 Hermann propôs substituir 'longe da cidade' por 'longe do pai'.

139 O v. 819 não foi traduzido por Cribello, talvez por ser redundante, por faltar em seu códice ou por dificuldade de compreensão.

140 O início do v. 821 admite duas análises acentuais. A tradução adota a forma interrogativa: 'de onde vos veio o desejo...', apoiada também na versão latina de Cribello. Cita era uma cidade da Cólquida.

Bem-aventurados, outros da estirpe dos heróis. Também não somos inexperientes na guerra nem no tumulto do combate; desejamos, porém, ser hóspedes de tua casa, pois assim é melhor.”

Assim falou. O ânimo de Eetes se encrespou como uma tempestade, e seus olhos lançaram um olhar terrível, enquanto tramava contra os heróis um engano e uma ardilosa atrocidade. Depois de algum tempo, dirigiu aos mínias estas palavras:

“Se atacardes de frente os bravos colcos, esperais que homens vigorosos sucumbam para que a recompensa fique em vosso poder e, sem luta, tomeis o velo e partais para a pátria? Mas, se, por serdes poucos, cederdes diante de minha falange, depois de vos destruir eu despedaçarei a nau. Se me obedecerdes - e isso será muito melhor -, escolhei o melhor dentre vós, ou o de mais alta dignidade real, para que tente as provas que eu mesmo propuser e obtenha o velo de ouro, que será também vossa recompensa.”

Assim falou e chamou os cavalos, que vieram de trás em resposta à voz. Os mínias sentiram pesar no coração e tiveram saudade de Héracles, pois não se julgavam capazes de resistir à invencível nação dos colcos e a seu impetuoso ardor guerreiro.

Agora, Museu,[141] contarei de passagem tudo o que os infelizes mínias sofreram e fizeram; como Argos, filho de Frixo e portador de boa lança de freixo, regressou da morada de Eetes - Calcíope o gerara e se unira a Frixo, apesar da ameaça de seu pai,[142] quando ele chegou aos colcos montado no carneiro - e anunciou aos mínias o que se cumpriria por causa da arrogância pessoal do pernicioso Eetes; como Medeia, destinada a funesto matrimônio, foi dominada pelos atrativos virginais de Jasão por decisão da deusa Hera, pois Citereia,[143] nutridora das paixões amorosas, despertou-lhe o desejo e a terrível Erínia[144] lançou ainda um dardo em suas entranhas; como Jasão submeteu ao jugo os bois que sopravam fogo e lançou no sulco a semente destinada a quatro jeiras,[145] isto é, os dentes de dragão que Frixo, portador de boa lança de freixo, levara como dote guerreiro quando foi à morada de Eetes; como destruiu com a mão devastadora a colheita de inimigos semeados[146] e conquistou brilhante glória; como a donzela de funesto leito saiu do palácio sem que percebessem, coberta pelo véu e protegida pela escuridão da noite - pois o desejo de aproximar-se da Argo e o soberano Destino a atormentavam -, sem respeitar ninguém e sem levar em conta a cólera do pai; como, enlaçando e abraçando o corpo de Jasão, beijou ansiosamente o peito e o rosto agradável, inundando as próprias faces de lágrimas, sem sentir vergonha alguma de seu desejo pelo herói; e como, esporeada pela atração, abandonou o pudor e a viril disposição para um matrimônio honrado.[147] Mas ainda ouvirás muitas outras coisas mais adiante.

Quando Medeia deixou às escondidas o palácio de Eetes e chegou à nossa nau, refletimos no coração sobre a maneira mais fácil de ir buscar no carvalho sagrado o velo de ouro. Mantínhamos o espírito atento, e nenhum de nós considerava a empresa desesperada, embora uma enorme tarefa pesasse sobre todos os heróis e o fundo da desgraça se revelasse.

Diante do palácio de Eetes e do rio fortificado ergue-se um recinto altíssimo, de nove braças, protegido por torreões e blocos bem polidos de ferro fundido e circundado por sete anéis. Nele há três gigantescos portões de bronze; entre eles se estende uma muralha, e em todo o contorno há parapeitos de ouro. Sobre o lintel dos portões está uma soberana de olhar longínquo, que provoca[148] o fulgor do fogo. Os colcos a aplacam como Ártemis Protetora dos Portões, a de ruidosa carreira, terrível de ver e terrível de ouvir para os homens, exceto para quem participa das iniciações e cerimônias purificadoras, sobretudo daquelas que a sacerdotisa iniciada Medeia, de funesto leito, conservou ocultas entre as donzelas de Cita.

---

141 O autor não pretende narrar toda a expedição, mas sobretudo os episódios em que a participação de Orfeu foi mais importante. Muitos acontecimentos são omitidos ou mencionados apenas de passagem.

142 O sentido da ameaça é obscuro. A tradução segue uma correção, adotada por Hermann e Abel, que se ajusta melhor ao relato.

143 Citereia, 'a de Citera', é epíteto de Afrodite.

144 É curioso que uma Erínia, divindade vingadora, provoque a paixão com um dardo. Valério Flaco IV 13 também associa Fúrias e Vênus.

145 A medida de quatro jeiras é mencionada por Apolônio III 1345.

146 Dos dentes de dragão semeados nos sulcos nasceram guerreiros. Jasão lançou entre eles uma enorme pedra; ao disputá-la, mataram-se mutuamente, e o herói rematou os sobreviventes com a espada. O episódio dos bois de pés de bronze e dos homens semeados aparece também em Apolônio, Píndaro e Ovídio.

147 A ideia é que Medeia, ao abandonar o pudor virginal, perdeu a disposição que poderia atrair um homem para um matrimônio honrado. Gesner explica que quanto menos as donzelas preservam o pudor, mais prejudicam a esperança de casamento.

148 A tradução é aproximada. A lição dos manuscritos e uma conjectura de Wesseling são ambas pouco claras; o verbo pode significar 'sacudir' ou 'agitar'.

Nenhum mortal, nativo ou estrangeiro, depois de ultrapassar o limiar, avançou muito por aquele caminho, pois de todos os lados a terrível deusa condutora o afasta, [910] infundindo sua fúria nos cães tranquilos.

No interior, ao fundo do recinto, sucede-se um bosque sombreado por árvores frondosas, no qual há muitos loureiros, cornisos e esbeltos plátanos, além de ervas cobertas por uma abóbada de raízes que tocam a terra: [915] o asfódelo, a maravilha, a bela avenca,[149] o junco, a junça, a verbena, a anêmona,[150] a sálvia, o erísimo, o ciclame divino, a lavanda, a peônia e o policnemo de muitos ramos, a mandrágora e a calaminta; [920] o frágil díctamo,[151] o açafrão perfumado e o agrião; como era de esperar, havia também leontopódio,[152] corriola, camomila, papoula-negra, malva,[153] panaceia, cárpaso e acônito; muitas outras plantas nocivas cresciam naquela terra.

No centro, tão alto quanto o céu, ergue-se em grande parte do bosque [925] o robusto tronco de um carvalho coberto de ramos. De um longo galho pendia simplesmente o velo de ouro, vigiado sem descanso por uma serpente terrível, monstro funesto e indizível para os mortais. Coberta de escamas douradas e arrastando o corpo em enormes espirais, [930] ela guardava o monumento de Zeus Serpenteante,[154] passando diante do velo; mantinha vigilância infatigável, sem desfrutar do sono, e revirava o insolente lacrimal nos olhos brilhantes.

Quando ouvimos claramente o relato de Medeia sobre Hécate de Muníquia e a vigilância do dragão, [935] buscamos, como solução para a penosa tarefa, um meio desesperado: persuadir e aplacar a Caçadora, aproximar-nos da terrível fera, recolher a pele e regressar à nossa terra. [940] Mopso, que conhecia essas coisas por sua arte divinatória, gritou então entre todos os heróis que me suplicassem e se aplicassem à empresa, para aplacar Ártemis e encantar a arrogante fera. [945]

Eles me suplicaram ao redor. Eu aconselhei o Esônida a enviar os dois homens mais poderosos - Cástor, domador de cavalos, e Pólux, valente no pugilato -, juntamente com Mopso, filho de Âmpix, para realizar a empresa. Entre os demais, apenas Medeia me acompanhou. [950]

Ao chegar ao recinto e à morada divina, escavei uma fossa tripla num lugar plano. Levei imediatamente ramos de zimbro, cedro seco, espinheiro pontiagudo e choupos chorões e preparei uma fogueira diante da fossa.[155] [955] Medeia, de extraordinária sabedoria, trouxe-me muitos objetos retirados dos cofres do santuário perfumado.

Sob mantos, preparei bolos de cevada e os lancei à fogueira. Ofereci sacrifícios rituais, imolando três filhotes de cães inteiramente negros. [960] Ao sangue misturei vitríolo, saponária, cártamo partido, tanchagem desagradável, anqusa vermelha e cálcimo.[156] Depois de encher com isso o ventre dos filhotes, coloquei-os sobre troncos; misturei suas entranhas com água e as lancei à fossa. Vesti um manto negro e, [965] golpeando o odioso bronze,[157] conjurei-as.

Imediatamente, rompendo os flancos do triste abismo, vieram Tisífone, Alecto e a divina Megera,[158] lançando com suas tochas secas um fulgor de morte. [970] A fossa se incendiou de súbito e o fogo funesto crepitava; a chama ardente espalhou vasta fumaça. Pela labareda despertaram[159] do Hades seres terríveis, espantosos, cruéis e difíceis de contemplar.

Uma delas tinha corpo de ferro e os seres infernais a chamam Pandora. [975] Com ela vinha Hécate, filha do Tártaro, multiforme e tricéfala, prodígio funesto de ver e indestrutível. De seu ombro esquerdo saía um cavalo de longa crina; à direita podia-se contemplar uma cadela de olhar furioso; no centro, [980] uma figura de aspecto selvagem segurava em ambas as mãos espadas providas de punho.

---

149 A avenca, também chamada cabelo-de-vênus, é a samambaia Adiantum capillus-veneris.

150 Adota-se a conjectura de Hermann, anemóne, em lugar de uma forma sem significado transmitida pelos manuscritos.

151 O erísimo é uma crucífera medicinal; o policnemo, uma planta amarantácea de muitos caules e terrenos arenosos; o díctamo, uma labiata medicinal originária do monte Dicte, em Creta.

152 O texto traz uma variante do nome leontopódio. Plínio lhe atribuía propriedades mágicas; trata-se de uma rosácea medicinal.

153 Dottin conserva uma forma não atestada. Provavelmente se trata da alkéa descrita por Dioscórides como espécie de malva.

154 'Monumento' é a lição comum, mas não se sabe ao certo a que se refere. Alguns propuseram 'temor', leitura ainda menos clara. 'Serpenteante' deve ser entendido como 'ctônico', habitante da terra, epíteto de Zeus.

155 Como depois se fala apenas em uma fossa, 'fossa tripla' talvez signifique uma fossa de três pés ou três côvados de medida.

156 A nota identifica os ingredientes: vitríolo ou caparrosa, diversos sulfatos; saponária, usada para lavar roupas; cártamo, planta tintorial; tanchagem; anqusa, de raiz vermelha; e cálcimo, talvez semelhante ao crisântemo.

157 Não se sabe exatamente o que é o 'odioso bronze'. Gesner pensa em armas de bronze; Dottin, em objetos entrechocados para produzir ruído, como se fazia durante eclipses lunares.

158 Tisífone, Alecto e Megera são as três Erínias.

159 Os seres que despertam a seguir são Pandora e Hécate.

Pandora e Hécate moviam-se em círculo ao redor da fossa, de um lado para o outro; as Vinganças[160] apertavam-se em seu séquito. Então Ártemis, a vigilante, deixou cair as tochas das mãos e voltou os olhos para o céu. Os cães servidores[161] moveram a cauda; os ferrolhos das trancas de prata se soltaram; os belos portões da robusta muralha se abriram, e apareceu o bosque fortificado.

Atravessei o limiar. Medeia, filha de Eetes, o ilustre filho de Éson, e os Tindáridas apressaram-se ao mesmo tempo; Mopso os seguiu. Quando surgiu de perto o amado carvalho, o pedestal de Zeus Hospitaleiro e a sede de seu altar, o dragão, arrastando-se em enormes espirais, começou a girar, ergueu a cabeça e a espantosa mandíbula e emitiu um silvo funesto; o imenso firmamento retumbou. As árvores ressoaram com estrépito, sacudidas por toda parte desde as raízes, e o bosque sombrio retumbou em assobios e gritos.

O medo se apoderou de mim e de meus companheiros. Apenas Medeia, à parte, mantinha no peito um coração indomável, pois recolhera com as próprias mãos pedaços de raízes nocivas.

Extraí então de minha lira um som divino e obtive da última corda um timbre grave; emiti dos lábios, em voz baixa, um cântico quase imperceptível. Louvei o Sono, soberano dos deuses e de todos os homens, para que viesse e acalmasse a alma do violento dragão. Ele me obedeceu imediatamente e encaminhou-se à terra de Cita.[162] Adormecendo as tribos dos homens que labutam o dia inteiro, as violentas correntes dos ventos, as ondas do mar, as fontes de águas perenes, as correntes dos rios e as feras e aves que vivem e rastejam, afastou-se ao impulso de suas asas douradas, deixando todos mergulhados no torpor.

Chegou ao florido território dos duros colcos. O Sono prendeu rapidamente os olhos do monstruoso dragão e o deixou como morto. O longo pescoço caiu a partir da garganta, pois a cabeça se tornara pesada pelas escamas.[163]

Medeia, destinada à ruína, admirou-se ao vê-lo e, encorajando Jasão, impeliu o ilustre filho de Éson a retirar depressa o velo de ouro da árvore. Ele obedeceu ao ouvi-la e, depois de tomar a enorme pele, correu para a nau.

Os heróis mínias se alegraram imensamente e ergueram as mãos aos Imortais que habitam o amplo céu. Voltavam os olhos para o velo por todos os lados. Eetes, por sua vez, soube imediatamente pelos servos que Medeia havia partido e ordenou a Apsirto que reunisse o povo e procurasse sua jovem irmã. Ele correu para a foz do rio e para o grupo dos heróis, onde encontrou a terrível donzela.

A Noite de túnica estrelada já percorrera metade do caminho quando se consumaram o odioso engano e o sombrio destino do celebérrimo Apsirto, por causa da paixão de Medeia.[164] Deram-lhe morte e lançaram-no à foz do rio agitado. Seu corpo deixou-se arrastar pelo impulso de uma corrente de ar impetuosa e, sacudido pelos redemoinhos nas ondas do mar estéril, chegou às ilhas chamadas Apsírtides. Mas aqueles que o mataram[165] não passaram despercebidos a Zeus que tudo vê nem às leis divinas.

Depois de entrar na nau, cortar de ambos os lados as amarras da praia e percorrer às pressas grande parte do rio ao impulso dos remos velozes, não nos dirigimos diretamente ao Ponto rico em peixes pela ampla foz do Fásis; por erro, fomos empurrados muito para trás, subindo continuamente contra a corrente.[166] As cidades dos colcos ficavam atrás dos aturdidos mínias, e uma sombria escuridão os envolveu.

Corremos insensatamente e com pressa pela corrente, através de uma planície em torno da qual habitam povos mortais: gimnos, buônomos e rústicos arcíes; a tribo dos cercetas e dos arrogantes sindos,[167] situada entre os vales dos carandeus, junto ao cume do Cáucaso, através do estreito de Erítia.

Quando surgiu do Oriente a Aurora que alegra os mortais, chegamos a uma ilha coberta de erva. Ali, em cursos não navegáveis, separam suas águas o amplo Fásis e o Sarange de corrente silenciosa, que o Meótide,[168] transbordando sobre a terra, envia com estrondo ao mar através da vegetação pantanosa.

---

160 O grego poinai personifica divindades vingadoras, por vezes identificadas às Erínias. Na mitologia romana, Poena é mãe das Fúrias.

161 Devem ser os cães mencionados no v. 910.

162 A cidade de Cita já foi mencionada no v. 821.

163 Sob o efeito do sono, o pescoço do dragão dobra-se na altura da garganta. A cabeça pareceria mais pesada porque as escamas, flácidas, acentuariam sua queda. O texto é obscuro e recebeu várias tentativas de correção.

164 A paixão de Medeia por Jasão levou-a a cooperar na morte do próprio irmão Apsirto.

165 Isto é, os argonautas que mataram Apsirto.

166 Os vv. 1038-1041 são muito incongruentes: não há motivo para os argonautas subirem contra a corrente em vez de alcançar a foz. Schneider propôs ler 'por um braço do rio', o que ao menos explicaria certo desvio de rota.

167 Povos desconhecidos.

168 O lago Meótide é o atual mar de Azov. A partir daqui, a confusão geográfica do poeta torna-se extrema.

Navegamos então a remo durante uma noite e um dia e, em duas jornadas de três quartos de dia, chegamos ao Bósforo Cimério,[169] no meio de uma lagoa, onde outrora um Titã ladrão de bois, montado sobre um robusto touro, abriu a passagem do pântano.[170] Depois de penar o dia inteiro nos remos, alcançamos primeiro os habitantes do Meótide, vestidos de delicadas túnicas; depois, o povo dos gelonos, as imensas tribos de cabelos compridos, os saurômatas, os getas, os gimneus, os cécrifos e os arimaspos de olhar sombrio. Em sua terra, raças muito infelizes habitam ao redor da lagoa Meótida.

Depois que os Imortais nos impuseram essa amarga aflição, atravessamos a extremidade do abismo das águas - nos baixios da costa, a agitação vomita morte perniciosa; ressoa o imenso bosque que se estende dos limites do Setentrião até o Oceano. A Argo, metida nessas águas, atravessou a entrada. Durante nove noites e nove dias de fadiga, deixamos aqui e ali tribos de homens cruéis: a raça dos Pactos, os árctios, os arrogantes lélios e os citas armados de arco, fiéis servidores de Ares; os tauros antropófagos,[171] que oferecem a Muníquia[172] vítimas que não sorriem e cuja cratera se empapa de sangue humano; e, mais ao norte, os hiperbóreos, os nômades e o povo cáspio.

Quando apareceu a décima Aurora que ilumina os mortais, chegamos aos vales Ripeus.[173] Dali, a Argo avançou rapidamente, impulsionando sua carreira por um canal estreito, e caiu no oceano que os mortais hiperbóreos chamam Ponto Crônio e Mar Morto.

Já não acreditávamos escapar de uma morte miserável, se Anceu não tivesse impelido a nau, movida por força poderosa, a dirigir-se para a margem direita, confiando no leme polido; a embarcação saltou, forçada por suas duas mãos.

Mas o peso dos remos nos dominava, as mãos já não resistiam; abatidos no coração, dobramos os cotovelos, apoiamos neles a fronte e tentamos secar o suor, enquanto o coração se consumia de fome. Anceu saltou e animou todos os heróis, exortando-os com palavras suaves.

Eles passaram então por cima do bordo da nau, unidos por cabos bem apertados, e mergulharam os delicados tornozelos no fundo raso do mar. Argos e Anceu, da extremidade da popa, prenderam uma longa corda aos cabos que os enlaçavam e lançaram-na para que os demais segurassem a ponta. Rapidamente, parte dos heróis corria pela margem, puxando-a com pressa, e a nau que sulcava o Ponto os seguia, traçando caminhos úmidos entre os seixos polidos; pois naquele mar nenhuma brisa sonora se movia ao impulso de correntes de ventos mugidores: ele jazia em silêncio onde se encontram as últimas águas da Ursa Maior e de Tétis.[174]

Quando apareceu a sexta Aurora que ilumina os mortais, chegamos ao povo próspero e rico dos macróbios, que vivem muitos anos: doze mil meses de cem anos, em lua cheia,[175] à margem de toda calamidade; quando completam o mês que o destino lhes atribuiu, chegam ao termo da morte sob a influência de um doce sono.

Eles não se preocupam com modos de vida nem com os trabalhos dos homens: no meio dos campos, mastigam plantas doces como o mel, recolhem bebida divina no orvalho imortal e todos igualmente revelam agradável camaradagem. Uma doce serenidade se manifesta sempre em suas faces, entre filhos e pais; a sensatez de sua mente se reflete em praticar boas obras e falar com prudência.[176]

Deixamos para trás essas populações e seguimos a pé rumo ao mar. Depois, impulsionando nossa ágil embarcação, chegamos aos cimérios, os únicos que, como se sabe, são privados do fulgor do sol de fogo estremecedor. O monte Ripeu e o desfiladeiro de Calpes[177] fecham-lhes o Levante; o monstruoso Flegre[178]

---

169 O Bósforo Cimério é o atual estreito de Querche.

170 A história do Titã ladrão de bois é imprecisa. Apolodoro menciona Alcioneu roubando as vacas do Sol, mas os estábulos ficam na Erítia ocidental, perto de Cádis. O episódio parece uma réplica oriental do trabalho de Héracles na Erítia hispânica.

171 Heródoto IV 107 também atribui antropofagia aos tauros.

172 Muníquia é outro nome de Ártemis.

173 Os montes Ripeus ou Rifeus formavam uma cadeia imaginária na região hiperbórea.

174 Pelo relato do poeta, esse mar se comunicaria com o oceano boreal.

175 A explicação é incongruente. Basta dizer que os macróbios vivem muitos anos; os 'meses de cem anos' e a 'lua cheia' não têm sentido claro. Pode ser uma hipérbole para destacar a longevidade já expressa pelo nome do povo. Heródoto usa 'macróbios' como qualificativo dos etíopes.

176 Nos vv. 1116-1117, segue-se o texto estabelecido por Abel; as correções de Hermann são muito ousadas, e a lição conservada por Dottin é quase incompreensível.

177 É o rio Calpes de Apolônio II 661.

178 Flegre é antigo nome da península de Palene, próxima à Macedônia e morada dos Gigantes; pode também designar a planície da Campânia.

inclina-se sobre o céu do meio-dia, lançando sua sombra próxima; os pontiagudos Alpes ocultam desses mortais a luz do entardecer, e a escuridão paira sobre eles sem cessar.

Saindo dali, avançamos a pé e com toda a pressa até um recodo áspero e uma costa sem ventos, onde o rio Aqueronte,[179] de correntes douradas, brota em profundos redemoinhos e flui através de uma região gelada, espalhando água semelhante à prata, que um pântano sombrio recebe. Nas margens do rio, muito perto, poderosas árvores, carregadas continuamente de frutos dia e noite, entrechocam-se com estrépito.

Ao redor, a baixa Hermionia, rica em pastagens,[180] sustenta-se com suas muralhas entre avenidas bem traçadas. Nela vivem as espécies mais justas de homens, para quem uma única nau basta quando morrem, pois as almas passam da côncava embarcação ao Aqueronte. Perto dali estão as cidades, os portões intransponíveis do Hades e o povo dos Sonhos.

Mas, quando passamos pela cidade e pelas moradas desses povos, depois de termos acumulado, para nossa desgraça, um pesado infortúnio, Anceu veio da nau e ordenou aos companheiros cansados que todos embarcassem depressa; falou-lhes com palavras suaves:

“Suportai, amigos, este esforço, pois não espero que se apresente nada pior. Com efeito, percebo que já se agita um zéfiro de sopro poderoso, e não é difícil prever que a água lisa do Oceano correrá ruidosamente sobre a areia. Erguei depressa o mastro em seu encaixe, desprendei as velas das cordagens; baixai os aparelhos e prendei-os bem, depois de os lançardes a cada lado.”

Esforçaram-se para executar cada uma dessas operações. Então, da côncava nau, mugindo, o carvalho de Tômaro que outrora Palas ajustara às cavernas da Argo gritou. Assim falou — e o espanto alcançou todas as mentes:

“Ai de mim! Eu deveria ter perecido, despedaçada pelas rochas Ciâneas no mar inóspito! Agora, certamente, não divulgaria a ignomínia causada pela imprudência dos reis! Pois a Erínia nos persegue sem cessar pela morte de Apsirto, irmão do mesmo sangue dela,[181] e o infortúnio se compraz no infortúnio. Com efeito, agora enfrentarei um mal penoso e inútil, caso me aproxime das naus da vingança; porque, se, depois de contornardes o golfo entre os promontórios sagrados, alcançardes o interior da terra e o mar infatigável, logo me perderei pelo Atlântico, pelo lado de fora.”

Tendo assim falado, calou a voz. No íntimo dos mínias, como era de esperar, o ânimo se contraiu inteiramente, pelo temor de sofrerem morte lamentável por causa dos amores de Jasão. Muitas coisas ponderavam: ou lhe dariam morte e lançariam Medeia, de funesto leito, como pasto aos peixes, afastando assim a Erínia...[182] Assim teria acontecido,[183] se o ilustre filho de Éson não tivesse refletido com agudeza e, com súplicas, contido a irritação de cada um.

Mas, visto que haviam escutado o verídico oráculo da Argo, sentaram-se depressa junto aos toletes e tomaram os remos. Anceu governava habilmente o leme e passou ao largo da ilha de Ierne.[184] Atrás deles surgiu com violência uma sombria e trovejante tempestade, que enfunou as velas. A nau corria veloz pelas águas ondulantes e ninguém esperava voltar a respirar a salvo da morte, pois já surgia a décima segunda Aurora. Ninguém teria sabido onde estávamos, se Linceu, nos limites do Oceano de curso tranquilo, não houvesse avistado — pois enxergava de longe — uma ilha coberta de pinheiros e o amplo palácio da soberana Deméter, coroado por uma enorme nuvem.

Sobre esse assunto, prudente Museu, ouviste tudo quanto se conta: como certa vez as irmãs enganaram Perséfone, quando ela colhia com as mãos flores tenras num bosque amplo e magnífico;[185] e como depois Plutão, tendo atrelado seus cavalos de crinas azuladas, lançou-se sobre a jovem, conforme a decisão divina, raptou-a e levou-a através das ondas estéreis.

---

179 Trata-se do rio infernal, como o próprio poeta deixa claro adiante.

180 Orfeu parece pensar em Hermíone da Argólida, onde os antigos situavam uma entrada do Hades. A geografia é incoerente, alternando o extremo oeste e o leste; talvez também tenha em mente os hermíones, povo germânico do norte.

181 Refere-se a Medeia.

182 O tradutor mantém reticências porque a frase se interrompe e a deliberação fica incompleta; seria esperada uma segunda alternativa.

183 A oração principal deste período condicional precisa ser subentendida, pois o texto conserva apenas a prótase negativa.

184 Ierne é a Hibérnia, isto é, a atual Irlanda.

185 O rapto de Perséfone por Plutão (Hades) ocorre, segundo a tradição, na planície de Ena, na Sicília, com a cumplicidade de Zeus. As irmãs que a enganaram são Afrodite, Atena e Ártemis; cf. Claudiano, *O rapto de Prosérpina* I, 212 ss.

Então proibi naturalmente que navegassem junto aos arrecifes da ilha e às mansões brilhantes onde mortal algum chegara com sua nau. Pois ela não possui porto que sirva de abrigo às embarcações sacudidas, mas por toda a volta há rochas altas e escarpadas, nas quais crescem belos e abundantes dons da natureza. Anceu, piloto da nau de proa azulada, obedeceu; saltou depressa para trás,[186] inclinando a barra para a esquerda. Impeliu então a embarcação a não seguir em linha reta[187] e também lhe cortou a marcha para a direita.[188]

No terceiro dia chegamos à morada de Circe,[189] à terra deserta de Linceu[190] e às habitações cercadas pelo mar. Aportamos à costa e, com o coração aflito, amarramos os cabos às rochas. Jasão enviou então seus fiéis companheiros para explorar — desejando saber se algum mortal habitava o vasto território — e conhecer a cidade e o modo de vida de seus habitantes.

Quando se puseram a caminho, veio-lhes imediatamente ao encontro a donzela filha do Sol, da mesma raça do magnânimo Eetes. Sua mãe, Astérope, e Hipérion, o que vê de longe, deram-lhe o nome de Circe.[191] Aproximou-se depressa da nau e todos se admiraram ao contemplá-la: os cabelos que lhe desciam da cabeça flutuavam como raios de fogo, seu belo rosto brilhava e um sopro flamejante irradiava de sua pessoa.

Mas, quando Circe viu Medeia — coberta por um véu, ela ocultara por pudor as faces com o vestido, pois uma pálida dor lhe oprimia o coração —, compadeceu-se e dirigiu-lhe estas palavras:

“Ó infeliz, por que Cípris te impôs semelhante destino? Sem dúvida, não vos esquecestes das loucuras que cometestes antes de chegar à minha ilha contra teu velho pai e teu irmão, a quem destes morte horrenda. Se permanecerdes indiferentes a vossas maldades, sem purificação, não creio que vos aproximeis da pátria antes de lavardes o crime, nas praias de Maléia,[192] mediante os ritos divinos e puros de Orfeu. A lei de minha casa não permite que nela entrem pessoas ainda obrigadas à expiação. Estais, sem dúvida, contaminados por uma mancha que a exige. Contudo, benévola, enviarei já, como presentes de hospitalidade para vossa provisão, alimentos, vinho doce e carne em abundância.”

Assim falou e retirou-se voando;[193] no meio da nau apareceram preparados recipientes com comida e bebida. Enquanto nos apressávamos, soprou um vento forte e favorável. Soltando então as amarras dessa ilha, atravessamos as ondas até a foz do Tartesso[194] e chegamos às colunas de Héracles. Ao redor dos promontórios sagrados[195] do soberano Dioniso, permanecemos ao cair da tarde, pois nosso ânimo necessitava de alimento.

Quando o fulgor portador da luz despertou no Oriente, desde a aurora rasgamos com os remos a água azulada do mar e alcançamos o abismo dos sardos, os golfos dos latinos, as ilhas da Ausônia[196] e as costas tirrenas. Mas, quando estávamos no ressonante estreito de Lilibeu[197] e alcançamos a ilha Triglóquina,[198] a chama etneia de Encélado[199] conteve nosso ímpeto.

Então, diante da proa, vindo do fundo, uma onda funesta borbulhava; desde a mais remota profundidade, Caríbdis[200] rugiu com suas águas fervilhantes e alcançou a extremidade do mastro. A corrente reteve ali mesmo a nau e não lhe permitiu avançar nem recuar; ela vagava em círculos contínuos na funesta

186 Anceu salta para a popa, a fim de tomar a barra do leme.

187 Conserva-se a leitura grega *épeithe*, entendida como “impeliu/induziu”. O verbo está no singular porque se refere ao piloto; a tradução plural de Dottin e a emenda *épikhe*, adotada por Hermann e Abel, são consideradas desnecessárias.

188 A tradução de Dottin, “dirigia”, é rejeitada. Como o piloto move a barra para a esquerda, o sentido deve ser que impede a nau de avançar para a frente e para a direita, conduzindo-a à esquerda, onde se encontra a morada de Circe.

189 Apolônio de Rodes (IV, 660) situa a morada de Circe no mar Tirreno.

190 Não se sabe a que lugar se refere “terra de Linceu”. Como em Apolônio e no poema os argonautas chegam à ilha Eia, de Circe, Hermann propôs a conjectura “terra de Eia”.

191 Somente aqui Astérope aparece como mãe de Circe. Hipérion é propriamente o pai do Sol, mas seu nome às vezes é aplicado ao próprio Sol.

192 Maléia é o conhecido cabo da Lacônia, no Peloponeso, hoje cabo Malea.

193 Em Apolônio de Rodes (IV, 700), Circe despede os argonautas depois de realizar o sacrifício expiatório que os purifica da morte de Apsirto.

194 “Tartesso” é conjectura de Eschenbach para o estranho *Pernesos* da maioria dos manuscritos, cidade distante da Pisídia. A conjectura apoia-se na descrição do rio em Pausânias (I, 6).

195 São os promontórios sagrados mencionados no v. 1167.

196 Ausônia é um antigo nome da Itália.

197 Promontório no sudoeste da Sicília, hoje cabo Boeo ou Marsala.

198 O nome significa “a de três pontas”, isto é, a Sicília.

199 Encélado é o gigante de cem braços morto por Atena, que teria lançado a Sicília sobre ele; seu corpo ficou sob o Etna e por isso exala fogo. Cf. Virgílio, *Eneida* III, 578 ss.

200 Em Apolônio de Rodes (IV, 922), Cila e Caríbdis aparecem depois da ilha das Sereias.

profundeza. Talvez a Argo estivesse prestes a afundar no abismo se a filha mais velha do ancião do mar[201] não tivesse desejado ver seu robusto esposo Peleu. Propícia, surgiu das profundezas, livrou a embarcação Argo da destruição e a salvou do lodo.[202]

Navegando, chegamos então, não muito longe, a um promontório rochoso. Uma rocha escarpada, projetada por cima e lisa por dentro em forma de cavidade, comprime o mar para o interior, e a água azulada ressoa em seu seio. Sentadas ali, algumas jovens fazem ouvir a voz sonora e seduzem os homens que lhes dão ouvidos, levando-os a esquecer o regresso.

Agradou então aos mínias escutar atentamente o canto das Sereias. Não pretendiam passar além daquela voz; os remos escaparam de suas mãos e Anceu conduzia a nau para a colina escarpada, quando eu, retesando a fórminx com as mãos, preparei a agradável composição de um canto de minha mãe.

Com gritos sonoros, entoei um canto maravilhoso, que narrava como certa vez disputaram por cavalos rápidos como a tempestade Zeus, que troveja nas alturas, e o marinho Sacudidor da Terra. O deus de negros cabelos,[203] irritado contra o pai Zeus, golpeou com o tridente de ouro a terra lictônia[204] e, de súbito, dispersou-a pelo Ponto infinito, formando ilhas marinhas a que deram os nomes de Cerdéfia, Eubeia e Chipre açoitada pelos ventos.

Enquanto eu continuava tocando a fórminx, do alto do rochedo nevado as Sereias se espantaram e cessaram o canto: uma deixou cair das mãos a lira; a outra, a cítara. Gemeram terrivelmente, porque chegara o triste destino de uma morte enganosa. Do alto da escarpada elevação, lançaram-se às profundezas do mar estrondoso; seus corpos e sua figura arrogante transformaram-se em rochedos.

Depois que a Argo, em sua carreira, escapou desse destino, chegou às águas profundas do golfo e, com as cordagens enfunadas por ventos velozes, aportou à sacratíssima Corcira, habitada pelos feácios, hábeis nos remos e nas viagens marítimas. Alcínoo, o mais justo dos reis, fazia-os cumprir sob sua autoridade as leis. Prendemos as amarras e nos dispusemos a celebrar sacrifícios em honra de Zeus, que tudo prediz, e de Apolo Ribeirinho.

Nesse momento, porém, impelindo com pressa os remos, lançaram-se com inúmeras naus as poderosas tropas de Eetes — colcos, eranos, carandeus e sólimos —, tentando alcançar os mínias para levar Medeia à presença do pai Eetes e fazê-la pagar pela morte do irmão, causada por sua temerária maldade.

Quando chegaram ao abrigo da enseada, junto ao ancoradouro, os arautos partiram depressa para o palácio de Alcínoo. Os joelhos de Medeia cederam e o medo empalideceu-lhe as faces, ante a ideia de que o rei dos feácios a enviasse à força para casa e de que seus atos fossem divulgados. Mas o Destino que cumpre seus desígnios não o permitiu antes que Jasão forjasse, no palácio de Pélias, para funesta perdição, um destino fatal ao próprio soberano.

Quando Arete, de braços róseos, e o divino Alcínoo ouviram a mensagem do cruel rei, este ordenou depressa aos arautos que trouxessem da nau protetora[205] a jovem disputada e a fizessem pagar ao pai por seu crime;[206] mas a ilustríssima soberana Arete compadeceu-se dela e, dirigindo-se com suavidade ao esposo, falou assim:

“Não é agradável separar-se do esposo, privar-se do leito e apagar a tocha do amor.[207] Pois Afrodite Dioneia se irrita com homens e mulheres que tramam semelhantes atos. Mas, se ela é donzela e aqui chegou imaculada, que retorne à casa do pai e às mansões dos colcos; se, ao contrário, já cumpriu no leito as funções de companheira conjugal, que o esposo a leve consigo.”

---

201 Trata-se de Tétis, filha de Nereu. Em Apolônio de Rodes (IV, 930), são suas irmãs, as Nereidas, dirigidas por ela, que salvam a Argo.

202 Refere-se, evidentemente, ao lodo do fundo das águas.

203 “De negros cabelos” e “Sacudidor da Terra” são epítetos de Posídon.

204 Não se sabe que região é a “terra lictônia”. Já se propôs que o texto quisesse dizer “licaônia”, região da Ásia Menor; Cribello também traduz “terra da Licaônia”.

205 A nau é chamada protetora porque nela Medeia se sentia a salvo; Dottin traduz expressivamente “o navio, seu asilo”.

206 Hermann julgava haver aqui uma lacuna no grego, pois seria preciso subentender algo como “para devolvê-la à casa” antes de “e fazê-la pagar...”.

207 A leitura comum dos vv. 1321–1322 é insustentável e obriga a forçar o sentido. A tradução segue as correções de Abel, apoiadas nas propostas de Hermann; as variantes são discutidas na introdução textual da edição.

Assim falou, e suas palavras alcançaram o coração de Alcínoo. Naturalmente, tudo se encaminhava para o desfecho. Mas a intenção dos soberanos não passou despercebida aos mínias: Hera, sob aparência de escrava, saltou depressa para a nau e contou de imediato, confirmando, o que tramavam.

Prepararam então para Medeia um leito nupcial no alto da popa; estenderam um colchão de palha e, ao redor, dispuseram o velo de ouro. Suspenderam peles de boi e as armaduras de suas lanças, ocultando assim a respeitável obra nupcial. Então, em plena juventude, Medeia, de funesto matrimônio, perdeu a flor da virgindade em suas núpcias de fama desditosa.

Quando colcos e mínias chegaram à presença do rei irrepreensível e cada grupo expôs sua causa, o Esônida obteve de Alcínoo Medeia como esposa para levá-la consigo. Soltaram depressa as amarras da nau, e a loquaz Argo, impelida pelos remos, corria pelas rotas do golfo de Ambrácia.

Neste ponto, que te direi, Museu, filho de uma deusa,[208] sobre tudo quanto eu e os mínias padecemos por causa dos vendavais junto à Sirte, ou sobre como se salvaram de sua errante viagem pelo mar, e ainda sobre quantos sofrimentos suportaram em Creta, espreitando, aonde quer que chegássemos, o tríplice gigante de bronze que não nos permitia aproximar-nos dos portos?[209]

Assim, oprimidos pelas águas ressonantes do mar e intensamente carregados sob negras nuvens, esperávamos que a rápida nau se chocasse contra os Rochedos Negros.[210] Mas o arqueiro Peã, de perto, desde a rochosa Delos, lançou um dardo e revelou uma ilha no meio das Espórades, que desde então todos os habitantes das redondezas chamam Crânae.[211]

Contudo, não era permitido afastar inteiramente do mar o Esônida, pois levava consigo um objeto expiatório, e o Destino funesto saltou em seu encalço, porque Hipérion guardava cuidadosamente seu rancor.[212] Quando, ao impulso dos remos, chegamos ao cabo Maléia, tivemos de afastar, conforme o conselho de Circe, as imprecações de Eetes e a Erínia punitiva.

Realizei então sacrifícios expiatórios como purificações para os mínias e supliquei ao Sustentador e Sacudidor da Terra que lhes concedesse, em sua pressa, o regresso e os doces pais.

Eles dirigiram com ímpeto o rumo para Iolco bem construída. Eu, por minha vez, encaminhei-me ao Tênaro açoitado pelos ventos, a fim de oferecer sacrifícios aos ilustríssimos soberanos que detêm o domínio dos abismos infernais.[213] Partindo dali, saí apressado para a Trácia nevada, para o território dos libétrios, minha terra natal, e entrei na célebre caverna onde minha mãe me gerou no leito do magnânimo Eagro.[214]

---

208 Museu, poeta mítico, é apresentado ora como discípulo, ora como mestre de Orfeu. Segundo a maioria dos mitógrafos, sua mãe era a deusa Selene.

209 Trata-se de Talo, gigante de bronze e guardião de Creta. Apolônio de Rodes (IV, 1638–1693) narra seu encontro com os argonautas e sua morte pela astúcia de Medeia.

210 O grego traz *Melaineíokin*, que pode designar um promontório da Bitínia ou, menos provavelmente, uma cidade da Índia. Schrader propôs *Melanteíokin*, talvez os escolhos egeus próximos de Tera mencionados por Apolônio (IV, 1707).

211 Crânae é uma ilha da costa da Lacônia. Peã é Apolo; cf. v. 175.

212 Hipérion, o Sol, guarda rancor de Jasão pelo rapto de Medeia, sua neta.

213 Cf. v. 41.

214 Cf. v. 277.

Nesta antiga viagem mítica,
Orfeu canta a expedição
dos Argonautas em uma voz marcada
pelo sagrado, pelo mistério
e pela memória dos deuses.

Esta versão em português apresenta
a introdução, o poema e as notas,
preservando o caráter solene
e iniciático da tradição órfica.

Edição em português